



DIÁRIO DE INTERVENÇÕES
PEDAGÓGICAS NO
2º ANO DO CICLO
DE ALFABETIZAÇÃO:

experiências dialógicas
no chão da escola

Kátia Cilene Amorim Gomes



Kátia Cilene Amorim Gomes

DIÁRIO DE INTERVENÇÕES
PEDAGÓGICAS NO 2º ANO DO
CICLO DE ALFABETIZAÇÃO:

experiências dialógicas
no chão da escola



SÃO LUÍS - MA
2018

S u m á r i o

- 5 APRESENTAÇÃO
- 7 INTRODUÇÃO
- 13 REGISTROS DIÁRIOS DAS INTERVENÇÕES
- 15 Diário de escrita: como tudo começou...
- 19 Por que escrevo?
- 23 Por que intervir?
- 27 O que fazer da sala de aula?
- 37 Muitos são os desafios
- 41 Quem somos nesse universo pedagógico?
- 47 E o que significa atividades?
- 55 Por que falar sobre o que nos acontece?
- 59 Quem conta um conto, aumenta um ponto...
- 63 Era uma vez...
- 67 E vamos recomeçar...

- 71 Um novo caminho...
- 75 Era uma vez...
- 77 Por que registrar?
- 83 Caminhos, que direção tomar?
- 89 Por que as dúvidas tiram nosso sono?
- 93 Qual é o sentido de ensinar?
- 97 Para que apresentar cartas
aos(as) alunos(as), no mundo do whatsapp?
- 101 A interativa discursividade no
gênero carta, como trabalhar?
- 103 Precisamos aprender com o olhar...
- 109 Por que sistematizar?

113 REFERÊNCIAS

116 APÊNDICES

Mundo LEITURA Educação
Conhecimentos
Diálogo ESCOLAS
Ensino CRIANÇAS
APRENDIZAGEM



O fazer dialógico da leitura exige uma proposta dialógica nas escolas. Uma possibilidade que abra espaços para encontros entre leitores(as) e os textos. Encontros nos quais possamos experienciar a leitura como leitura perpassando pelo conhecimento do mundo e desenvolvendo a competência linguística dos(as) alunos(as) leitores(as).

Nossas escolas precisam buscar uma postura dialógica dos(as) professores(as) que, por sua vez, devem clamar por ações voltadas para o crescimento intelectual e linguístico das crianças.

Esta coletânea de textos originou-se do resultado da pesquisa intitulada **LEITURA, ENCONTRO COM OS(AS) OUTROS(AS)**: processos dialógicos no ato de ler, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), da Universidade

Federal do Maranhão, na Área de concentração: Ensino na Educação Básica, linha de pesquisa Ensino e aprendizagem.

Em 2017, com o desdobramento das intervenções, realizadas na Unidade de Educação Básica “Justo Jansen”, em uma turma de 2º ano do Ciclo de Alfabetização e sob orientação da Professora Dr^a Joelma Reis Correia, chegamos à versão desta contribuição aos professores e às professoras da Rede Municipal de São Luís Maranhão, que tem por objetivo divulgar os registros de vivências e experiências, de propostas e ações, reflexões, atitudes e construções com alunos(as) e professora, sujeitos desta pesquisa, e como concretização do produto final da dissertação do Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica.

Vivenciamos esses momentos dialógicos no chão da escola. E este registro, sob a forma de diário, perpassa por reflexões contidas nesta coletânea.

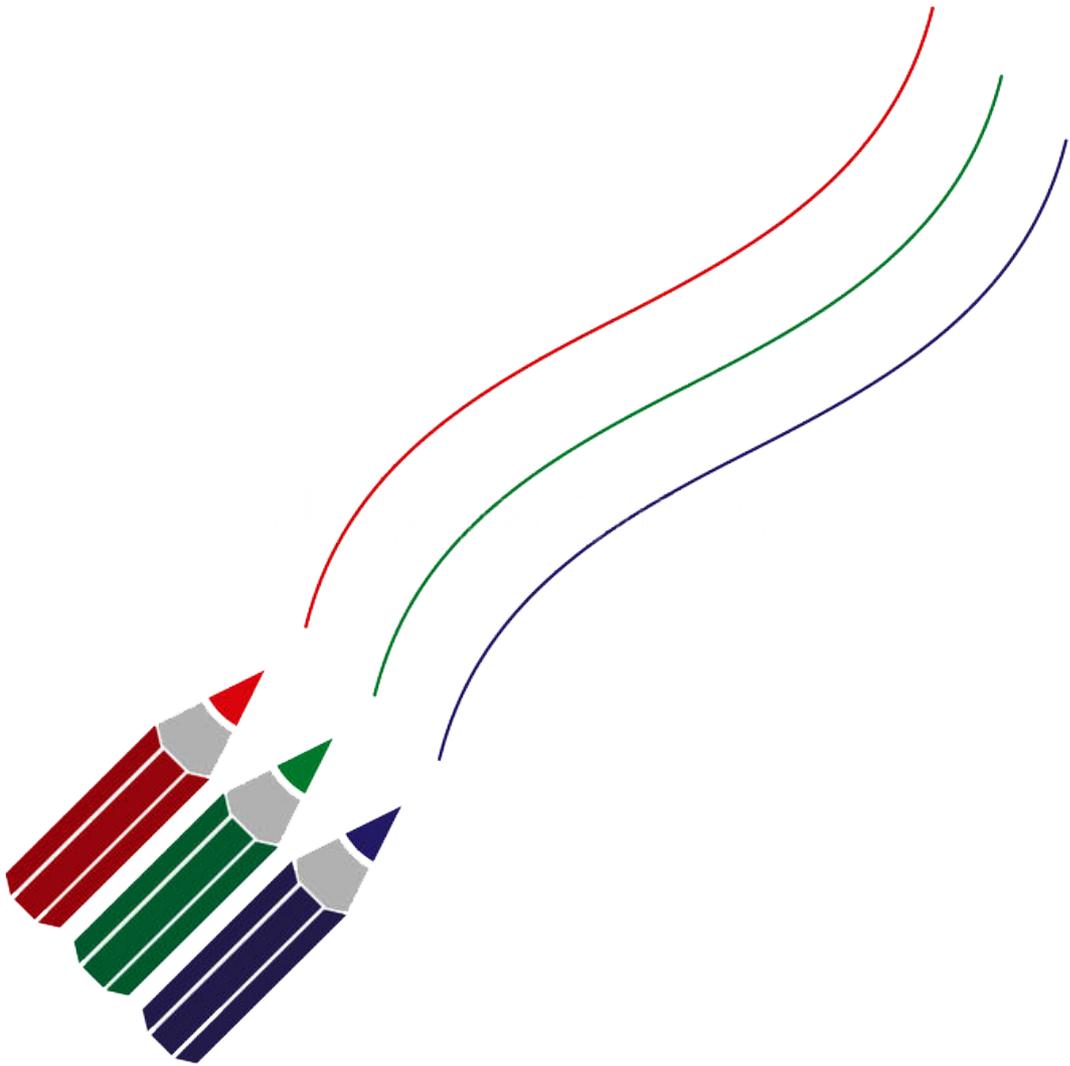
É um material simples, embora longe de ser simplista. Trago no primeiro momento o registro diário das intervenções e finalizo, compartilhando as sequências didáticas elaboradas, desenvolvidas e avaliadas para cada momento de intervenção. A intenção, de fato, é dialogar com o(a) professor(a) sobre as dificuldades, as possibilidades e o desvendar do nosso olhar tão viciado em nossas construções profissionais e pouco humanas. Portanto, convido você, professoror(as) a apreciar, vivenciar comigo os momentos de intervenção sobre práticas de leitura no contexto do chão da escola.

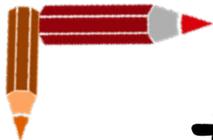


INTRODUÇÃO

Escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de “distanciamento” reflexivo que nos permite ver, em perspectiva, nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender.

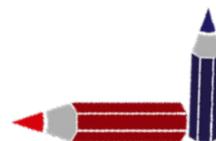
(ZABALZA, 2004)





A partir desta epígrafe inicio uma reflexão sobre a importância da escrita na trajetória docente, considerando as vivências e relatos no espaço educacional, especificamente escolar. Minha inserção em contextos de alfabetização, e, neste espaço de aprendizagem, enquanto Professora e Coordenadora Pedagógica, levou-me à necessidade de trazer para o grupo de professoras do Ciclo de Alfabetização um registro de vivências de sala de aula sobre práticas de leitura na perspectiva dialógica, por meio do gênero textual diário. Este, por sua vez e por excelência, é uma ferramenta fundamental para promover experiências de reflexão sobre a ação, capaz de distanciar e aproximar um sujeito à sua realidade.

Os dados gerados na pesquisa **LEITURA, ENCONTRO COM OS(AS) OUTROS(AS)**: processos dialógicos no ato de ler, da dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), da Universidade Federal do Maranhão, na Área de concentração: Ensino na Educação Básica, linha de pesquisa Ensino e aprendizagem, e com a orientação valiosíssima da Professora Dr^a Joelma Reis Correia, contribuíram para a concretização deste produto final, que tem por objetivo divulgar os registros de vivências e experiências, de propostas e ações, reflexões, atitudes e construções com alunos(as) e professora, sujeitos desta pesquisa.





O registro do vivenciado, no chão da escola, traz consigo, segundo Zabalza (2004), todo um conjunto de fases sucessivas que facilitam o estabelecimento de um processo de aprendizagem, baseado em uma dupla categoria de fenômenos: a) o processo de se tornar consciente da própria atuação, ao ter de identificar seus componentes para narrá-los, e (b) o processo de recodificar essa atuação (transformar a ação em texto), possibilitar a racionalização das práticas e sua transformação em fenômenos modificáveis (e, portanto, possíveis de melhorar). (ZABALZA, 2004, p.27)

O registro da ação docente no diário contribuiu para: analisar o contexto de trabalho em sala de aula, a partir das atividades planejadas, numa perspectiva dialógica, enquanto agente produtora de conhecimento e pesquisadora; conhecer o processo de aprendizagem dos(as) alunos(as) e professora, sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, “a escrita materializa dá concretude ao pensamento, dando condições de se voltar ao passado, enquanto está-se construindo a marca do presente. Nesse sentido, o registro escrito amplia a memória e historiciza o processo [...]”. (ZABALZA, 2004)

Já dizia Freire (2017) que o registro da reflexão e sua socialização num grupo são “fundadores da consciência e, assim sendo, são também instrumentos para a construção de conhecimento. O ato de escrever obriga a formulação de perguntas, levantamento de hipóteses, aonde se vai





aprendendo mais e mais, tanto a formulá-las quanto a responder a elas. Assim, o registrar a reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem, pois aquele que ensina aprende e é um exemplo, para seus(suas) alunos(as), de aprendiz do seu ensinar.

Temos acreditado que existe uma magia ao escrever, que se constitui como forma de crescimento e desenvolvimento pessoal, pois o registro regular dos pensamentos promove o rememorar de nossas atitudes, possibilitando refletir sobre nossas ações. É incrível, mas, ter um lugar para expressar emoções, dividir sentimentos e agradecer pelas bênçãos, dá-nos muito conforto e nos ajuda a crescer como pessoa.

O diário é um gênero da esfera privada, escrito em primeira pessoa, em que o locutor e o destinatário se fundem na mesma pessoa, isto é, quem escreve, o escreve para si mesmo. Por isso, há a tendência em alcançar a informalidade e a sinceridade do locutor.

É bem possível que você já tenha ouvido a expressão segredo guardado a sete chaves . Acredite: o diário já veio, em alguns momentos, acompanhado de algumas chaves. Será que sua função é somente armazenar aquilo que não temos vontade de revelar a ninguém? Pois bem, além disso, ele serve para registrarmos os fatos ocorridos no dia a dia, expressarmos nossas ideias, emoções, desejos e até fazermos aquele desabafo que tanto nos incomoda.





Como dito anteriormente, este registro se propõe a historicizar momentos do processo de intervenção das experiências do chão da escola que apresentam algumas inquietações: como aproximar o coletivo de profissionais da escola campo, com a proposta de leitura dialógica, à luz dos teóricos que discutem sobre práticas discursivas e o contexto de sala de aula? Como impactar esses profissionais, na busca de um novo caminhar? Será que a forma como estamos pensando esse processo ajudará o grupo a sentir-se motivado à mudança? Essas interrogações não ficarão guardadas a “sete chaves”. Elas servirão para discutirmos e ampliarmos as possibilidades de trabalho com a leitura no contexto escolar.

Os textos que constituem este livro foram vivenciados em sala de aula, no decorrer das intervenções, realizadas no ano de 2017, por ocasião da pesquisa anteriormente mencionada. Todos tratam de meus dilemas, enfrentados como professora-pesquisadora, em meu processo de pesquisa e de aprendizagem (no meu fazer pedagógico), junto à professora e aos(as) alunos(as). Este material é destinado aos(as) professores(as) do Ciclo de Alfabetização, não como manual, mas como possibilidade de alimentar reflexões sobre o ensinar e o aprender o processo de leitura.



REGISTROS DIÁRIOS DAS INTERVENÇÕES

Encontro

A cada encontro: o imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido:
desconhecimento.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que
supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto, novo compromisso.

A cada conflito: nova faceta insuspeitável.

A cada aula uma aventura.

A cada aula uma revelação.

A cada aula uma perplexidade.

Cada aula um caminho na busca de mim mesma.

Cada aula um nascimento com o outro.

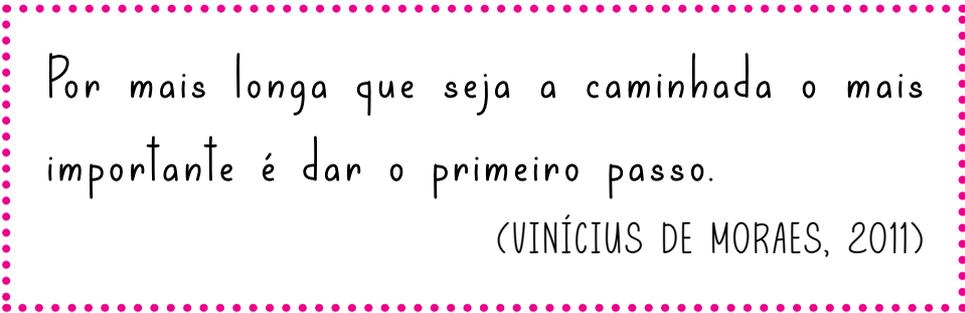
(MADALENA FREIRE, 2017)





09 de Fevereiro de 2017

Diário de escrita: como tudo começou...



Por mais longa que seja a caminhada o mais importante é dar o primeiro passo.

(VINÍCIUS DE MORAES, 2011)

Bem, foi dado o primeiro passo nessa caminhada, com a apresentação do Projeto de Pesquisa: **LEITURA, ENCONTRO COM OS(AS) OUTROS(AS)**: processos dialógicos no ato de ler à Gestão e Coordenação da escola campo de pesquisa. Ao discutir sobre as intenções de investigação do trabalho com a leitura no espaço escolar, os profissionais da instituição foram muito receptivos e atenciosos, o que favoreceu o desenvolvimento do trabalho.



A pesquisa foi iniciada com um seminário, que ocorreu no dia 09.02.17, e contou com a participação de quinze profissionais da instituição: doze Professoras, as Gestoras e a Coordenadora Pedagógica. Desse quantitativo de profissionais presentes, três eram docentes do Ciclo de Alfabetização, do qual uma é sujeito. A atividade de reunir os sujeitos participantes teve o objetivo de sensibilizar o corpo docente para se sentir parte da pesquisa, considerando que os interessados precisariam estar de acordo com os objetivos.

Na Pauta de Formação (APÊNDICE A), desenvolvida com as professoras, foram propostos como objetivos: a) refletir sobre situações de leituras, trabalhadas na escola, e sua relação com as necessidades dos(as) alunos(as); b) apresentar a proposta de projeto à equipe pedagógica da escola, enfatizando a necessidade do trabalho com pesquisa, voltada para o desenvolvimento de práticas leitoras; c) discutir a metodologia de trabalho, bem como o produto final da pesquisa.

As participantes foram levadas a refletir sobre as seguintes questões: quem as ensinou a ler? como se lê? quem deve ensinar a criança a ler? Estas questões se configuraram como elementos desafiadores, pois, em suas respostas, na maioria, apareceu a família como a grande responsável por ter-lhes ensinado a ler. Ainda, quando questionadas sobre quem deve ensinar a criança a ler, não havia dúvida, para as professoras, de que a escola deveria assumir esse papel, mas afirmaram que a família não tem realizado a sua “parte”.





É preciso, entretanto, um cuidado com essa mesma fala de que os pais/mães e/ou responsáveis precisam fazer sua parte, embora reconheçamos a importância que eles(as) têm na educação dos(as) filhos(as).

Nesse contexto, me pergunto: quem foi preparado para ensinar a criança a ler e a escrever no espaço escolar? Qual é o papel da escola no processo de aquisição da cultura letrada? Por que sempre somos levados ao discurso de que se o(a) aluno(a) não aprendeu a ler e a escrever como sendo responsabilidade da família?

Coadunando com essa ideia de que os pais/mães não, necessariamente, são os responsáveis pela não aprendizagem das crianças, Cagliari (1998, p.25) afirma que “o objetivo fundamental da escola é desenvolver a leitura, para que o aluno se saia bem em todas as disciplinas, pois, se ele for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa”. Este autor define que a leitura deve ser a extensão da escola na vida das pessoas para que elas sejam capazes de entender a sociedade em que vivem. No entanto, ainda é muito recorrente a concepção de que os pais/mães são os grandes responsáveis pelo processo de leitura das crianças.

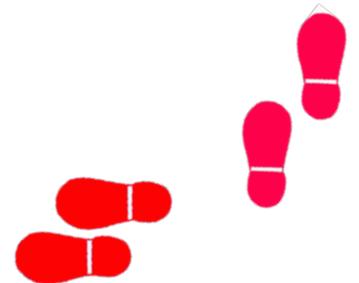
No referido Seminário, foram propostas outras atividades às professoras, propostas relacionadas ao ato de ler, tais como trabalhos práticos para observar seu próprio comportamento de leitor adulto, com base na proposta de Jolibert (1994, p.16-19), cujo objetivo foi criar motivos e mostrar





a necessidade de as docentes participarem da pesquisa. Como aponta Leontiev (2004), a necessidade é a força motriz para o objeto da atividade humana e sempre corresponde a outra necessidade. Dessa maneira, os motivos tornam-se fundamentais, à medida que compreendemos que “[...] a atividade não pode existir sem um motivo; a atividade “não motivada” não envolve uma atividade privada de motivo, mas uma atividade com um motivo subjetivo e objetivamente oculto” (LEONTIEV, 2004, p.104, grifo do autor).

Nesse contexto, os(as) professores(as) têm a responsabilidade de criar novos motivos e novas necessidades nas crianças, para que estas possam se apropriar da cultura mais elaborada, criada ao longo da história.





15 de setembro de 2017

Por que escrevo?

Escrever é preciso!

Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer.

Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são...

(LISPECTOR, 1991)

Movida por esse pensamento de Lispector e no desejo de entender o que quero dizer e o que posso fazer, organizei o planejamento do primeiro encontro formativo



das professoras da escola campo de pesquisa (APÊNDICE B). A proposta de trabalho para os encontros formativos foram organizadas em um Projeto de Formação Continuada (APÊNDICE B) e teve como objetivo discutir sobre o processo de alfabetização dos(as) alunos(as) nas turmas do 1º Ciclo do Ensino Fundamental. As professoras foram recebidas com a vocalização do texto de Madalena Freire 2017, **Educador educa a dor.**

Embora já tivesse compreendido muitos aspectos, relacionados ao ensino do ato de ler e escrever na escola e por estar vivenciando intensamente o processo de observação participante, precisei ouvir as professoras, uma vez que nem sempre as compreendia, pois o discurso se distanciava da prática por falta, muitas vezes, de aprofundamento de uma fundamentação teórica.

Para tanto, foi necessária a utilização da metodologia “roda de conversa”, para que eu pudesse perceber, no discurso das mesmas: O que é alfabetizar? O que é leitura? Quais são as funções da leitura? Que gêneros textuais são mais utilizados no trabalho com a leitura em sala de aula? Por quê? Como ensinar a leitura para seus(suas) alunos(as)? Qual material teórico prático consultar para orientar o trabalho com a leitura? Quando do início do trabalho com a alfabetização dos(as) alunos(as), por onde começar? Como trabalhar a leitura de textos se os(as) alunos(as) não sabem ler e escrever? Por que não conseguimos alfabetizar todos(as) os(as) alunos(as) atualmente?





Discuti com as professoras sobre as “formas” como o grupo tem realizado o trabalho com a leitura na escola e chegamos à conclusão de que temos feito sempre as mesmas coisas e esperado resultados diferentes. Que estamos sempre na defensiva, que nosso(a) aluno(a) precisa ser apoiado em suas descobertas, em suas inquietações, em suas dificuldades.







Por que intervir?

Intervir é dialogar, é participar do processo com “ingenuidade” para se chegar à “rigoriedade”.

(PAULO FREIRE, 2001, grifo do autor).

A intervenção em si é que estabelece se um conhecimento está sendo construído, transferido, repassado, aprendido. Neste contexto, somente por meio do diálogo é possível gerar uma intenção, um ato responsivo. Dessa forma, a dimensão do diálogo é explicitada por Freire como a essência da educação, visto que, através deste, estabelece-se



uma interação entre os participantes, proporcionando-lhes a oportunidade de serem sujeitos do processo e, portanto, de crescerem juntos numa relação horizontal e não imposta.

Partindo dessa concepção, ou seja, de traçar relações de forma horizontal, iniciamos o primeiro momento de intervenção. Nossa! Como estávamos apreensivas (professora e pesquisadora), principalmente na etapa de planejamento. Isso mesmo, no processo de planejar com a professora, sujeito da pesquisa. A cada organização do trabalho as inquietações se manifestavam, mesmo com todo o estudo que vínhamos realizando sobre a perspectiva dialógica da leitura.

Nessa primeira proposta de planejamento (APÊNDICE C), a nossa intenção era que as crianças pudessem compreender o plano de trabalho proposto para o ensino do ato de ler como prática dialógica. Iniciar uma proposta nessa perspectiva requer toda uma mudança na própria organização do espaço; mas, para isso, é preciso ouvir, antes, as crianças, para saber se elas estão satisfeitas com o que vivem e o que, de fato, querem viver.

No momento da intervenção, apresentamos o plano de trabalho às crianças, por meio da leitura dramatizada “Abracadabra”, da autora Simone Goh. Essa atividade possibilitou mostrar a elas atividades que realizaríamos em conjunto durante todo o período.





Logo em seguida, partimos para a Roda de Conversa, que se constitui em uma atividade na qual as crianças, sentadas em círculos, falam, dão sua opinião, conseguem manifestar suas ideias. Nesse momento, os principais elementos do diálogo estavam em torno dos questionamentos: O que acham da sala de aula? O que gostariam que mudasse? O que acham dos momentos de leitura? Vocês gostam de ler? Quem realiza a leitura para vocês? O que você mais lê? Cada criança teve a oportunidade de falar algo sobre os questionamentos sugeridos. Claro que a Roda de Conversa varia muito, mas, para início do trabalho, precisamos saber o que pensam as crianças sobre essa temática.

As crianças relataram que não gostam muito do espaço escolar, pois para elas não tem colorido, e gostariam que mudasse para um espaço maior. Na verdade o espaço é muito pequeno para o quantitativo de crianças. Elas conseguem perceber essa falta de espaço para o movimento ou deslocamento de todos(as). Sobre como a leitura acontece na sala de aula elas falaram:

- “Gosto muito, porque a tia traz livros para nós e faz a leitura”;
 - “Não gosto, porque ainda não sei ler”.
- Outra criança se manifesta.





Após o momento da intervenção, com a escrita do ocorrido no dia, ficamos nos perguntando: o que a criança quis dizer “quando afirma que ainda não sabe ler?”. Essa é uma boa questão a ser discutida na próxima Roda de Conversa.

Percebemos, no contexto da sala de aula, que as crianças da turma apresentam uma familiaridade com práticas de leitura, apresentadas pela professora. Porém, essas práticas levam a realização da leitura a momentos estanques, distanciados do contexto das atividades realizadas nas diversas áreas. Tanto que as crianças começaram a denominar a pesquisadora de “Tia de Leitura”. A princípio, também incorri nesse erro, alimentando a denominação; mas, no encontro seguinte, este assunto se tornou pauta da Roda de Conversa.





28 de setembro de 2017

♥ que fazer da sala de aula?

Fazer da sala de aula o lugar de aprendizagem natural do sujeito é estabelecer como objetivo da escola criação de um ambiente onde se partilha e constrói significados. A decorrência de se aceitar esta afirmação como verdadeira é que aos que fazem a escola cabe o planejamento de atividades de ensino, mediante as quais professores e alunos possam ampliar modificar e construir significados.

(MOURA, 2001)





A prática pedagógica do(a) educador(a) não fica situada apenas no âmbito do conhecimento, envolve também dimensões éticas, na medida em que lida com valores, interesses e concepções de homem e de mundo; assim, o papel do(a) professor(a) é ser competente nessa ação planejada. O que significa que as suas escolhas, ao planejar suas atividades educativas, não são gratuitas ou casuais.

Nesse dia, para o trabalho com as crianças, pensamos detalhadamente a proposta (APÊNDICE C) que seria desenvolvida. Estávamos na expectativa de realizar uma manhã significativa para elas.

Na Roda de Conversa ficamos impressionadas com algumas delas, quando socializaram seus diálogos com os familiares sobre o trabalho com a leitura que estávamos desenvolvendo. Para muitas, e com carinha de felicidade, a forma como estávamos trabalhando se constituía em uma nova maneira de perceber a leitura. Alguns(algumas) relataram que chegou à escola uma “tia de leitura”. Logo estávamos sendo a “tia” da sala de aula e a “tia” da leitura. Segundo o relato das crianças, na roda, os responsáveis perguntaram bastante sobre as atividades desenvolvidas.



Dessa forma, perguntamos aos(às) alunos(as) qual a melhor maneira de “chamar” os(as) pais/mães e/ou responsáveis para conhecer as atividades de leitura? Para





surpresa, as crianças relatam que o convite era uma forma “bacana” de escrever, convidando-os. Pensamos, então, em organizar um convite aos(às) pais/mães e/ou responsáveis para conhecerem as leituras que estávamos realizando. Então, decidimos que, em nosso encontro seguinte, trabalharíamos com esse gênero textual e quem tivesse algum tipo de convite em casa poderia levar para que pudéssemos analisar a sua estrutura, características e discutir sobre a sua função social.



Aproveitamos o momento para falar do equívoco que havíamos deixado acontecer no encontro anterior, ou seja, que não tinha a “tia da leitura” e a “tia da sala de aula”. Nós (professora e pesquisadora) trabalharíamos a leitura em todos os momentos, senão incorreríamos no erro de que existe o “Clássico momento” para se trabalhar a leitura em sala de aula, como se em todos os momentos a criança não estivesse precisando desta atividade cultural. Conversamos, ainda, sobre um ponto que nos deixou intrigadas no último encontro, no que se refere à afirmação do aluno sobre “não saber ler”. Para tanto, começamos a discutir sobre essa questão. As crianças em sua totalidade relataram que não saber ler significa:





- “Não saber as letras”;
- “Não conseguir juntas as sílabas, daí não dá para ler”.

Diante disso, entregamos um caderno para cada criança, no qual elas teriam a possibilidade de organizar os gêneros textuais que iríamos trabalhar em sala de aula. Iniciamos um diálogo sobre a importância desse instrumento que iria se constituir como elemento articulador entre escola e família. Informamos que, no caderno, os responsáveis teriam a possibilidade de conhecer os textos lidos pelas crianças.

O caderno tem como função a organização dos textos trabalhados nos encontros de intervenção. O trabalho com a leitura, na perspectiva dialógica, traz a compreensão de construção de sentidos em leitura que deve considerar o processo de alfabetização e não somente com relação às descrições dos níveis linguísticos, necessários ao domínio da língua. Nessa perspectiva, o sentido que deve ser atribuído ao texto vai se construindo por meio da troca entre interlocutores(as), leitores(as) e os textos entre si.

Percebemos nos olhos de cada criança a felicidade de ter recebido o caderno. E perguntamos como o intitulariam.





As crianças, responderam:

- “Será meu mundo encantado”;
- “Meu diário de aventuras”;
- “O livro com as minhas leituras favoritas”.

Ficamos nos perguntando que magia causou essa pequena iniciativa nas crianças. Logo após, realizamos a leitura da folha de apresentação do caderno e orientamos como elas deveriam apresentar aos(às) seus(suas) pais/mães e/ou responsáveis. Diante desse diálogo, um aluno pede para falar:

- “Tia não é bom apresentar na hora da novela, pois mamãe pode brigar”. Outro diz:
- “Vou esperar todos chegarem em casa para contar a novidade e realizar a leitura para eles”. Em seguida, uma criança comenta:
- “Tia, eu não sei ler, como vou fazer?”.

Ficamos nos indagando o que significa não saber ler na visão do aluno, já que havíamos discutido esse ponto na Roda de





Conversa. Diante disso, começamos a perceber a necessidade de promover atividades, por meio das quais as crianças compreendessem que, mesmo sem saberem ler convencionalmente, era possível realizar a leitura dos textos. Para tanto, acreditávamos (professora e pesquisadora) na necessidade de nos fundamentar teoricamente sobre o assunto, cujo livro selecionado para esse fim foi “Como Alfabetizar? Na Roda com as professoras dos anos iniciais de Cecília Goulart”, mais precisamente o Capítulo 6: “Mas eu não sei ler!”, refletindo sobre o ensino da leitura. Nesse momento precisávamos refletir sobre: Como lemos? Quais conhecimentos utilizamos para a compreensão leitora, e como aprendemos a ler? Esse movimento de estudo (APÊNDICE B) aconteceu no dia 29.09.17, ou seja, no 2º encontro destinado à formação das professoras no campo de pesquisa.

Encaminhamos a pergunta para a turma:

- Crianças, o que devemos sugerir para quem ainda não lê?

E as crianças respondem: - “Peça para alguém ler para você.”

Solicitamos às crianças que realizassem a leitura silenciosa, pois chegamos à compreensão de que, mesmo sem saber ler convencionalmente as crianças, por meio dessa prática de exploração de texto, conseguem buscar





indícios, pistas sobre o que está escrito, pois compreendemos que aquilo que os(as) alunos(as) convencionam como “não saber ler” é o fato de “não oralizar”. E assim combinamos a leitura que seria realizada em casa. Após esse momento, apresentamos o texto de Vinícius de Moraes, “A casa”. A atividade contou com a leitura silenciosa do texto, o que nos fez corroborar com Jolibert (1994, p.49):

É possível ver os olhares fixarem o texto, pularem de um lugar a outro, varrerem em todas as direções, sem que a criança mexa os lábios, num silencioso momento de atenção. [...] cada criança trabalha: está procurando um sentido para o texto.

Alguns(algumas) alunos(as) que já dominam a leitura estavam ansiosos(as) para realizar a leitura em voz alta. Por essa razão, foi um exercício desafiador para eles(as) devido ainda não terem experienciado essa forma de leitura. Será que a atividade foi um processo perturbador? Segundo Jolibert (1994, p.50, grifos da autora):





Não para as crianças, que não têm, como os professores, que contrabalançar o peso da herança forte dos hábitos escolares anteriores. Nada mais “natural” para elas do que viver situações em que aprender a ler é ler e onde ler é atribuir sentido a um escrito a partir de um verdadeiro questionamento nascido de uma real necessidade (informação/prazer) tirando de todos os indícios que podem ser coletados hipóteses de sentido verossímeis e verificando-os?

Após a leitura do texto, iniciamos um trabalho voltado para a estrutura da língua, porém, sem deixar o sentido em segundo plano. O momento mais esperado era a contação da história do livro de Eva Furnari - Pandolfo Bereba. Ficamos pensativas com a colocação de algumas crianças, ao verbalizarem: “como essa história é diferente?”; “essa autora escreve bem”; “eu não conhecia histórias de príncipes que não fossem bonitos”.





Finalizando a manhã, pudemos perceber que as crianças nem esperaram chegar a casa para contar a “novidade”, no portão da escola já ouvíamos narrando a história para os(as) pais/mães e/ou responsáveis e da atividade que precisariam realizar.



09 de outubro de 2017



Muitos são os desafios.

Saber dar a todos o tempo adequado de aprender é uma das funções da docência. É um saber tão profissional quanto dominar os conteúdos. Propiciar na escola, na sala de aula e em cada atividade planejada as condições necessárias à aprendizagem exige dos profissionais do ensino uma competência especial para lidar com o tempo de aprender e não só de ensinar.

(ARROYO, 2004).



A cada proposta, a ser elaborada, muitos eram os desafios, levando-nos, a todo o momento, à reflexão das nossas ações. Para o planejamento da proposta desse dia não foi diferente, (APÊNDICE D), uma vez que precisávamos retomar um assunto surgido na Roda de Conversa do encontro anterior, ou seja, a discussão de um convite para “chamar” os(as) pais/mães e/ou responsáveis para a apresentação do trabalho que estávamos realizando com as crianças.

De início, deparamo-nos com a elaboração de objetivos totalmente desvinculados da prática social de leitura. Quanto à organização das atividades, nós nos limitamos a trazer o gênero convite em uma folha xerocopiada e com apenas um modelo. Diante de um olhar mais apurado, começamos a discutir por que uma folha xerocopiada de convite? Por que não os modelos de convite recebidos pelos(as) alunos(as), pesquisadora e professora? Ora, se estávamos trabalhando, na perspectiva de textos reais, por que não possibilitar às crianças o manuseio de convites recebidos? Em se tratando de um gênero discursivo, não faria sentido o trabalho em folha xerocopiada. O “modelo” que levamos para as crianças tratava-se de textos fictícios, ou seja, sem espaço no contexto real.

Ficamos nesse impasse, discutindo que essa prática tem sido trabalhada, corriqueiramente, na escola, ou seja, o(a) professor(a) explica rapidamente sobre o gênero textual “convite” e, logo em seguida, propõe a escrita. Então nos debruçamos, mais uma vez, na leitura sobre essas questões





didáticas no planejamento do ensino do ato de ler. Para nos ajudar nesse entendimento, realizamos o estudo do artigo de Arena “Dilemas didáticos no ensino do ato de ler” que muito nos ajudou nessa compreensão.

Partindo dessa reflexão, começamos a discutir sobre a necessidade de propiciar o manuseio de convites diversos (casamento, aniversário, formatura etc.) para distribuir entre as crianças. E, assim, organizamos o planejamento com a perspectiva de promover situações reais do uso do gênero convite que, segundo Arena (2008), necessita de espaço para a atribuição de sentido.

Desse contexto de interação com as crianças, entregamos a elas os convites reais, para que realizassem a leitura silenciosa, procurando indícios a fim de descobrir o texto escrito. Por isso, trabalhamos com agrupamentos, no sentido de favorecer a máxima circulação de informações, ou seja, organizamos as crianças em pequenos grupos e, depois, em um grupo maior, uma roda com a discussão. Mas, algumas questões nos inquietaram na observação desses grupos: um deles ficou em dúvida sobre um convite de aniversário com a temática “selva”, ou seja, para eles(as) era um convite para uma aventura, pois não conseguiam associar a uma festa de aniversário. Somente depois de muitos questionamentos conseguiram perceber que era um convite para uma festa de aniversário com a temática selva.





Então, diante de necessidade de discutir sobre as histórias de aventura, combinamos que iríamos trabalhar no próximo encontro sobre contos que retratem aventuras, embora na atividade de contação de histórias tivéssemos realizado a leitura do texto Obax de André Neves.





16 de outubro de 2017

Quem somos nesse
universo pedagógico?

Eu sou essa pessoa a quem o vento chama,
a que não se recusa a esse final convite,
em máquinas de adeus, sem tentação de volta.

Todo horizonte é um vasto sopro de incerteza:
Eu sou essa pessoa a quem o vento leva:
já de horizontes libertada, mas sozinha.



Continua

Se a Beleza sonhada é maior que a vivente,
dizei-me: não quereis ou não sabeis ser sonho?
Eu sou essa pessoa a quem o vento rasga.

Pelos mundos do vento em meus cílios guardadas
vão as medidas que separam os abraços.
Eu sou essa pessoa a quem o vento ensina:

Agora és livre, se ainda recordas.

(MEIRELES, 2013,)



Esse convite de Cecília Meireles traz as recordações sobre a intervenção realizada (APÊNDICE E). Nas atividades de hoje, as crianças sinalizaram na Roda de Conversa que os únicos convites que haviam recebido e/ou conheciam até o presente momento era o de aniversário e que desconheciam ou não conseguiam associar as informações que chegavam a casa, para participar de reuniões, como convites.

Neste momento fiquei me perguntando: será que nós professores temos essa percepção de que as crianças associam o convite para a reunião, como algo de imposição? Quando enviamos para casa, solicitando a vinda dos(as) pais/mães e/ou responsáveis damos a ideia de “imposição”?

Apresentamos às crianças os “modelos” de convites que conseguimos, junto à Coordenadora, pesquisadora, e os trazidos de casa pelas crianças. E, à proporção que íamos mostrando, contávamos a história daquele convite; não o conteúdo, mas como eles chegaram às nossas mãos.

Fomos tentando construir uma percepção de que estamos envolvidos em uma infinidade de situações comunicacionais às quais somos expostos ao longo de nossa vida. Aliás, nem precisa tanto, pois durante um único dia podemos estar envolvidos em diferentes contextos e ambientes, que exigem de nós um comportamento linguístico específico.

Começamos a conversar com as crianças sobre qual era nosso objetivo em elaborar o convite?





“- Tia é para convidar os pais”.

“- Chamar a família para conhecer nossas leituras.”

Continuamos a conversa, enfatizando que a situação de comunicação, naquele momento, era de convidar alguém e, por essa razão, estávamos fazendo uso desse gênero. Dialogando com a professora, discutimos sobre as possibilidades de situações comunicativas em sala de aula. Ainda que inconscientemente, selecionamos um gênero que melhor se adaptasse àquilo que desejávamos transmitir aos(as) nossos(as) interlocutores(as), sempre com a intenção de sobre eles(as) obter algum efeito. Seja no bilhetinho deixado na porta da geladeira, seja nas postagens feitas nas redes sociais ou até mesmo nas piadas que contamos para os(as) nossos(as) amigos(as), os gêneros estão lá, trabalhando a serviço da comunicação e da linguagem.

Bem, voltando às atividades de intervenção, entregamos os convites às crianças, organizadas em quatro grupos, solicitando que realizassem a leitura silenciosa desses convites. Como já havíamos iniciado no encontro anterior, discutimos as impressões que as crianças já tinham sobre os convites lidos. Daí, fomos para a análise dos elementos composicionais do convite até chegarmos à elaboração deste. As crianças foram muito poéticas na produção:

Para os pais/mães, títios(as), avôs(os) gostaríamos muito da sua participação na reunião do dia 27.10.17. Temos uma surpresa. Vocês querem saber? Então venham para a reunião, às 09h 30. Podemos adiantar que nossas leituras estarão presentes. Aguardamos vocês com muitas histórias.

A estrutura comunicativa do convite acima é muito diferente dos convites visualizados pelos(as) alunos(as), mas cumpriu a sua função diante da situação comunicativa, ou seja, do momento imediato em que o gênero discursivo se materializou em texto numa situação real de uso.







19 de outubro de 2017

E ♥ que significa atividades?

A atividade que faz sentido é aquela que permite à criança entrar em contato com o mundo, aprender a usar os objetos que os homens foram construindo ao longo da história — os instrumentos, a linguagem, as técnicas, os objetos materiais e não materiais, tais como: a filosofia, a dança, o teatro — e é isso que garante o desenvolvimento de aptidões, capacidades, habilidades em cada um de nós.

(MELO, 1999)



Com esse pensamento iniciamos mais um planejamento de atividades (APÊNDICE F) para os(as) alunos(as), com a preocupação de que precisamos atentar para os elementos, tais como necessidade, motivo, ação e operação. As necessidades humanas motivam o homem a agir, por meio de diferentes ações, utilizando-se de vários instrumentos e estratégias que irão ser operacionalizadas por meio de manipulação de um instrumento, satisfazendo, assim, a necessidade inicial.

Analisando as atividades desenvolvidas no encontro anterior, observamos que havia a necessidade de trabalharmos com o gênero textual “conto”, devido às dúvidas que pairavam sobre o convite de aniversário, com a temática aventura na selva.

Trabalhamos com a proposta de saber quais conhecimentos prévios estavam em “jogo” no momento inicial da atividade. Eis que as crianças sinalizaram o reconhecimento de algumas características do gênero conto; mas, “ficou” no ar a questão contos de fadas, contos de aventura. Existe diferença? Qual?

Ficamos nos indagando como é necessário que o(a) professora(a) alfabetizador(a) tenha conhecimento sobre o conteúdo a ser tratado. Para as crianças “contos de fadas” e “aventura” eram a mesma coisa. Propusemos a organização da turma, em grupos, os quais deveriam realizar a leitura silenciosa de três contos, a saber: O gato de botas; O patinho





feito e As aventuras de Gulliver. Os(as) alunos(as) precisavam buscar indícios sobre o que estava escrito. Solicitamos a elas que, ao realizarem a leitura silenciosa, fossem pensando em alguns elementos/características presentes no texto.

Observando as crianças percebemos que elas possuem uma grande dificuldade em se relacionar com o texto à procura de indícios, como mostra o diálogo.

- Por que você está murmurando a leitura?
- Porque leitura precisa ser falada.
- E por que falada?
- Porque precisa treinar.
- Treinar?
- O que é treinar?
- Tia, é ler cada pedacinho para saber se já consigo ler.

É impressionante como o contato com o texto, em sala de aula, leva a criança a relacionar a leitura ao treino, conforme demonstra o diálogo. Como a nossa pretensão era que procurassem indícios nas leituras viabilizadas, esse





momento foi um pouco tumultuado para alguns, porque a leitura é vista como momento de oralizar, demonstrar ou não que já conseguem verbalizar o texto, mesmo sem entender o seu sentido.

Ao discutirmos (professora e pesquisadora) sobre como as crianças se veem nesse momento, pudemos perceber que é essencial a fase de trabalho em que elas entram em contato com o texto, de forma individual e silenciosa. No entanto, algumas dúvidas pairavam em nossas representações sobre como trabalhar a leitura levando o(a) aluno(a) à procura de sentido.

Fez-se necessário iniciarmos um estudo, no dia 20.10.17, sobre a construção da compreensão do texto pelas crianças (APENDICE B). Aproveitamos o momento de formação/estudo para nos debruçarmos em Jolibert e Sraiki, Construção da compreensão de texto do livro. Esse momento foi crucial para o entendimento de que a leitura individual e silenciosa, realizada simultaneamente, era fundamental, pois a individual traz momento de liberdade para a criança, numa relação privilegiada com o texto que está descobrindo, e a silenciosa para tirar das crianças a ideia de que a leitura gira em torno da oralidade e da decifração, em detrimento da atividade de compreensão.





À proporção que as crianças entravam em contato com o texto, observamos como buscavam construir significados e, em alguns momentos, intervindo em suas buscas. O diálogo com uma criança que realizava a leitura do conto “O patinho feio”, expressa o que dizemos.

- Qual é esse conto?
- O patinho feio.
- Como você sabe?
- Tem um pato no título?
- É o que é título?
- É quando a gente inicia a história e tem o nome.
- E como inicia o título?
- Com a letra “o”.
- E depois?
- Tia tem um pato e o conto que conheço que tem um pato é o do patinho feio.





A intervenção se constituiu como um momento de ajuda à criança, no intuito de fazê-la atribuir sentido ao que estava lendo, mesmo sem ela dominar o código linguístico. Após a leitura silenciosa, as crianças puderam expressar as suas percepções sobre o que estava escrito em seus textos. Fomos ao quadro branco, na intenção de registrar as características dos textos, por meio dos indícios descobertos pelos(as) alunos(as). Perguntamos às crianças quem estava com um conto de fada e quem tinha realizado a leitura de um conto de aventura. Dividimos o quadro branco para registrar as características dos contos, as crianças sinalizavam sobre elementos como:

- Inicia com “Era uma vez”.
- No conto: “O gato de Botas”, Olha aqui.
- Tia, no conto “O patinho feio”, também.

Outra criança, em relação ao conto “As viagens de Gulliver”, afirma: nesse conto também começa assim.

Acabamos por registrar as duas características nas duas colunas organizadas, para escrever as características presentes ou não nos contos lidos.

As crianças começaram a passear mais uma vez com os olhos procurando algo mais. Começaram a falar o que tinha em um e em outro conto até que uma criança,





praticamente, “grita” para chamar a atenção:

- Tia, no conto do Gulliver só tem personagens de pessoas e no Gato de Botas e Patinho Feio tem animais.
- Nossa, crianças, que “bacana”! Exclamamos.
- Tia, tia. Na história do Patinho Feio, ele (patinho) sofre muito, porque a família dele não gosta da diferença entre os irmãos. E, no Gato de Botas, o gato é um espertalhão.
- E no conto as Aventuras de Gulliver?
- Tem emoção, mas não tem final feliz.
- Mas, a rainha deixa o personagem voltar para casa. Isso não é final feliz?
- Não. Tem que ter. E viveram felizes para sempre.





Bem, a análise dos textos, feita pelas crianças, foi extensa e, a cada momento, alguém queria se fazer ouvir para apontar algo. Esse momento é muito importante e precisa ser muito bem aproveitado, valorizado pelo(a) professor(a).

Como já estávamos no final do horário, ainda ficaram situações a serem organizadas, a partir dos indícios levantados pelas crianças: discussão sobre as versões que os contos apresentam, por exemplo.



23 de outubro de 2017

Por que falar sobre ♥
que nos acontece?

Parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência, e dar-se tempo e espaço.

(LARROSA, 2001).



Em nossa avaliação sobre o trabalho com as crianças, no encontro anterior, discutimos (professora e pesquisadora) sobre as vivências e intencionalidades da leitura e da necessidade de colocarmos os(as) alunos(as) em situações reais de leitura.

Analisamos, ainda, a necessidade de inserirmos atividades, voltadas para os quatro eixos trabalhados e considerados no planejamento em Língua Portuguesa, a serem desenvolvidos nas turmas de 2º ano do Ciclo de Alfabetização, ou seja, com os quatro eixos em Língua Portuguesa (leitura, produção de textos escritos, oralidade e análise linguística).

Com a intenção de cultivar a arte do encontro a contextos reais, pensamos na proposta de trabalho (APÊNDICE G). Embora nosso objeto não se constitua no estudo da escrita, nesse contexto necessitamos atender os elementos do planejamento da professora, sujeito da pesquisa, no trabalho voltado aos quatro eixos direcionados ao trabalho em Língua Portuguesa.

Com esse propósito propusemos aos(às) alunos(as) a possibilidade de pensar sobre a escrita de contos, registrando suas aventuras diárias ou algum momento vivenciado que gostariam de denominar de: As aventuras de Na oportunidade, cada criança poderia escrever suas maiores histórias.

As crianças, ao socializar suas aventuras, relataram contextos diversos, que transcrevemos abaixo:

- “As aventuras de Nina... trata de uma menina meiga que busca viajar pelo mundo à procura de um tesouro...”.
- “As aventuras de João Guilherme... conta a saga de um viajante, reproduzindo as aventuras de Gulliver...”.
- “A aventuras de Magaly... reproduz a história real de uma criança no sítio da avó”





06 de novembro de 2017

♥ Quem conta um conto,
aumenta um ponto...

- Era uma vez uma formiguinha que resolveu escalar uma imensa montanha. Acontece que já tinha chegado o inverno e, quanto mais subia a formiguinha, mais encontrava dificuldade pelo caminho. João Guilherme (2º ano do Ciclo de Alfabetização) referência à fábula a cigarra e a formiga.

- Era uma vez... a Cinderela. Ela acordou e a história terminou (Nina — 2º ano do Ciclo de Alfabetização).

Como é linda a capacidade de imaginação de nossas crianças. Na Roda de Conversa, quem conta um conto aumenta um ponto, as crianças deixaram sua imaginação fluir, pois tiveram a oportunidade de fazer sua capacidade criadora desenvolver e criar muitas continuidades no “era uma vez”.

Com essa atividade (APÊNDICE H) associamos os ditados ou ditos populares, também conhecidos como provérbios, aos contos, na intenção de promover o diálogo das crianças. E realmente discutir com os(as) alunos(as) sobre a proposta a ser desenvolvida, garantindo a participação efetiva dos(as) mesmos(as). Percebemos a diversidade de respostas, apresentadas pelas crianças, a motivação e o interesse em participar.

Para o levantamento, eles(as) foram relatando sobre os elementos necessários para o preenchimento. E nós, nesse contexto, funcionamos como escribas. Vejamos:

| Contos de fada citados pelos(as) alunos(as) | Pontos principais da história. | Personagens | Como termina a história. |
|---|--------------------------------|-------------|--------------------------|
| | | | |

Ficamos encantadas com o desenvolver da atividade, pois as crianças demonstraram muito interesse e participação. Ao final estávamos com uma discussão riquíssima sobre vários contos de fada.

Tivemos uma única divergência sobre o conto “A bela e a fera”. Isso porque mais de uma criança apresentou versões diferentes para o mesmo conto. O que nos levou a pensar na próxima proposta de trabalho, ou seja, buscar as versões diferentes, impressas e o filme, para que as crianças chegassem a um consenso.







Era uma vez...

Uma menina nem bonita e nem feia. Ela andava por uma estrada nem larga nem estreita. Enquanto passeava, seus pés esbarraram em algo: Um livro.

(VILARDO, 2012)

No, Era uma vez, as crianças se divertiram contando histórias fantásticas:

“uma menina pobre que sonha em ser modelo”
(Magaly, aluna do 2º ano - Ciclo de Alfabetização).

“um menino que gostaria de aprender a ler”
(Hiago, aluno do 2º ano - Ciclo de Alfabetização).



Assim iniciamos a nossa “Hora do conto”, com a participação das crianças, criando suas próprias histórias. Muito emocionante. Nossas crianças têm um potencial imaginativo maravilhoso. Foram muitas histórias contadas que nos encantaram.

Continuamos a atender às necessidades dos(as) alunos(as), por meio de atividades, voltadas para o gênero textual “conto” (APÊNDICE I). Após as crianças demonstrarem certa inquietação sobre as diversas versões de um conto específico, “A Bela e a Fera”, pensamos (pesquisadora e professora) na possibilidade de desfazer essa questão, apresentando algumas versões desse conto.

Fomos pesquisar e, realmente, encontramos diversas versões, desde a sua primeira versão “Bela e a Fera” ou “A Bela e o Monstro”. É um tradicional conto de fadas francês.

A Bela e a Fera

Versão Disney: Um príncipe é castigado por sua arrogância, e acaba transformado em uma Fera. O feitiço só terminaria quando ele amar alguém, e for amado também. Dez anos depois, ele ainda não conseguiu essa façanha. Até descobrir Bela, uma garota culta que se torna





a prisioneira em seu castelo. Bela o recusa no início, mas acaba se apaixonando. O feitiço se desfaz e os dois ficam juntos.

Versão original: Em uma das primeiras versões, de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve, Bela tem algo em comum com Cinderela: duas irmãs malvadas e invejosas. A trama original continua: após conquistar o amor da Fera, as irmãs tentam reter Bela fora de sua casa durante muito tempo. A ideia é irritar o Fera, fazendo com que ele devore sua amada quando ela retornar. (CARMELO, 2015)

Diante das informações que conseguimos encontrar, fizemos um apanhado das características do conto apresentado pela **Disney** e da versão original. As crianças ficaram atentas às informações trazidas e ansiosas para assistir ao filme, uma vez que já havíamos realizado a leitura da versão adaptada pelos irmãos Grimm.







13 de novembro de 2017

E vamos recomeçar...

Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!
E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas
Atiro a rosa do sonho nas tuas mãos distraídas.

(QUINTANA, 2006)

Precisamos (professora e pesquisadora) atentar para orientar nas dúvidas dos(as) alunos(as), para a sistematização sobre as variadas versões do conto “A Bela e a Fera”. Hoje proporcionamos um momento de encantamento para as crianças com a versão da **Disney**. Organizamos o espaço de sala de aula para realizar a exibição do filme.



Ao terminar a atividade (APÊNDICE I), ficamos nos perguntando: Que esforços mentais as crianças fazem para somente visualizar a imagem do filme? Que interações são realizadas?

Essas questões ficaram nos consumindo e, para nos ajudar, fomos à procura de significações teóricas sobre a exibição de filmes para o trabalho com os textos literários.

Descobrimos que:

a) a leitura envolve aspectos institucionais, culturais e sociais muito amplos, que se interrelacionam com vários campos de estudo. O conceito de leitura vai além da mera interação entre um leitor e um texto.

b) precisamos levar ao(à) aluno(a) textos das mais diferentes esferas sociais, pois as práticas discursivas abrangem os textos escritos, falados, a integração da linguagem verbal com outras linguagens.

c) a utilização de filmes em sala de aula é um gênero textual que dá oportunidade de se comunicar de forma imagética, visível, sonora e dinâmica das cenas que correspondem à realidade ou próxima a esta.

d) não basta apenas utilizar textos fílmicos como recurso didático, pois o filme é um gênero que tem suas especificidades e devem ser respeitadas.



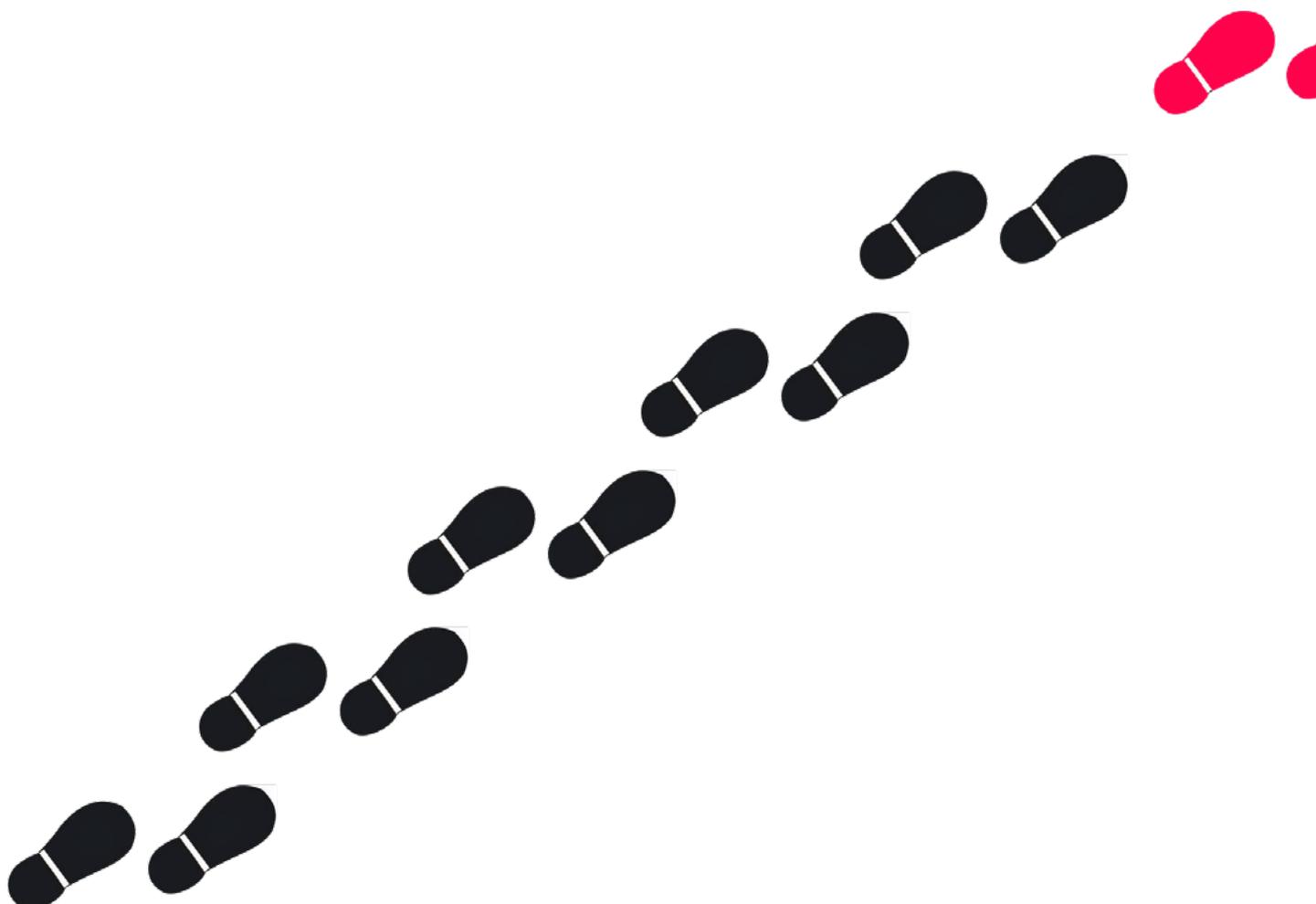


Napolitano (2008) nos alerta sobre a peculiaridade do cinema que faz parte da comunicação e cultura de massa, também da indústria do lazer. Ao trabalhar em sala de aula, o professor não deve se esquecer dessas várias dimensões. Com relação à relevância do desenvolvimento da criticidade do aluno, mediante exibição de filmes, Napolitano (2008, p.15) afirma que:

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo ponte entre a emoção e a razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar.



Bem, respondendo aos nossos questionamentos iniciais, temos: Que esforços mentais as crianças fazem para somente visualizar a imagem do filme? Para responder a esse questionamento precisamos acreditar em uma prática dialógica de articulação do que desenvolvemos ao longo das atividades sequenciadas até chegarmos à exibição do filme, ou seja, confrontar a leitura realizada nos livros e a realizada nas imagens. Para isso, precisamos nos constituir como mediadoras desse processo. Sobre as interações que são realizadas, vamos explorá-las na próxima Roda de Conversa com as crianças.





16 de novembro de 2017

Um novo caminho...

Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança.
Do medo uma escada,
Do sonho uma ponte, da procura um encontro.

(FERNANDO SABINO, 2014)

À procura de trilhar caminhos que permitam o desenrolar de novas possibilidades, trabalhamos hoje com a proposta, ainda, voltada para o gênero conto (APÊNDICE J).

Então, na procura constante de fazer diferente o que já realizamos, há anos e da mesma forma, buscamos discutir com as crianças sobre as interações realizadas a respeito da leitura do texto escrito e imagético do conto “A Bela e A Fera”.

Na fala das crianças, fomos percebendo que elas comentavam sobre as formas diferentes apresentadas para o mesmo conto. Expressões como:

“Dependendo de quem escreveu aparece uma história”. (Magaly – 2º ano do Ensino Fundamental).

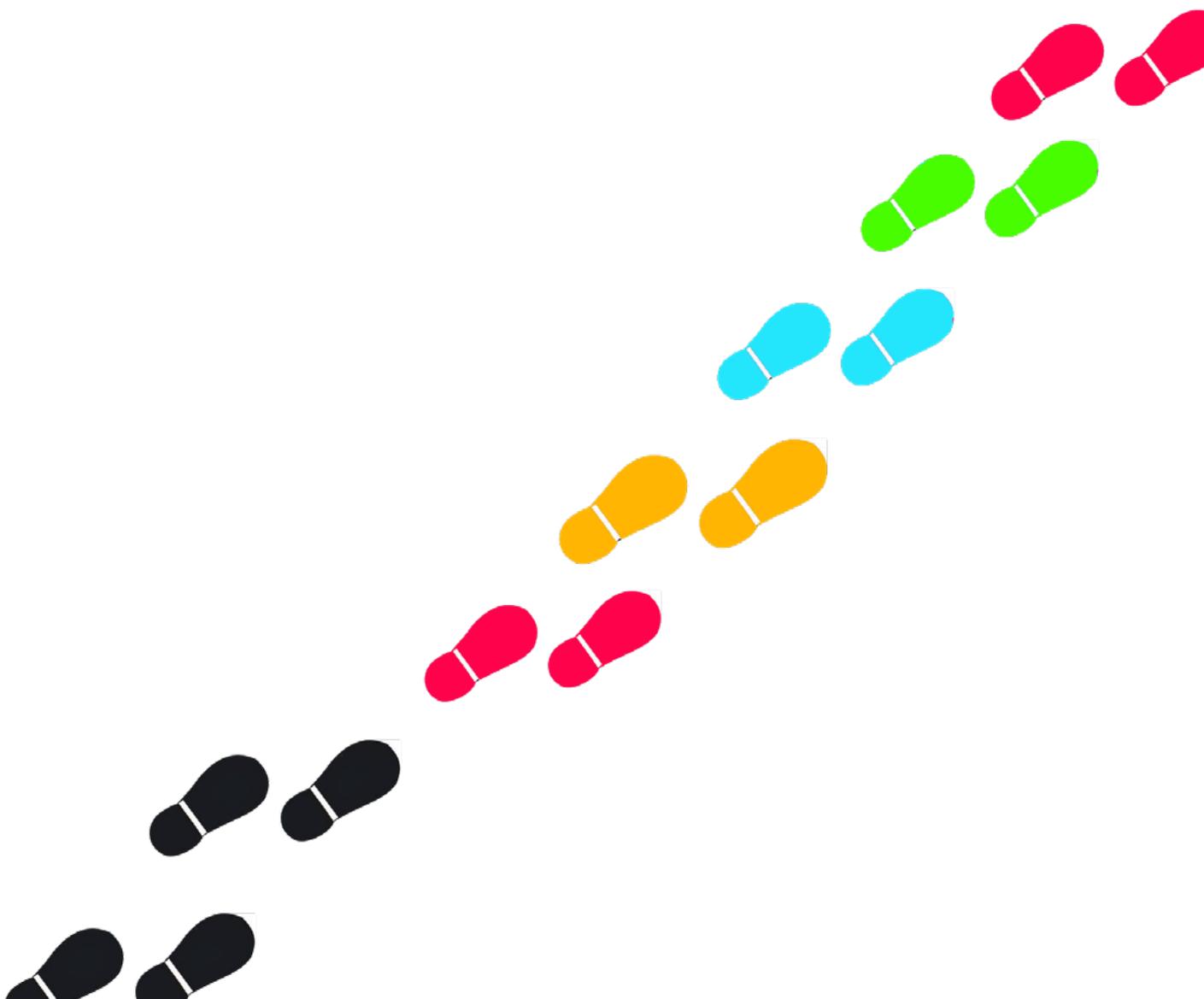
“Acho que o momento que foi escrito mudou a história”. (Samantha – 2º ano do Ensino Fundamental).

“Ah! tia, se cada criança aqui fosse escrever uma história, sairia diferente”. (Wilson – 2º ano do Ensino Fundamental).

Para ampliar o repertório das crianças, propusemos a leitura de outro conto que apresenta mais de uma versão; no caso, a história dos “Três porquinhos”. Realizamos a

leitura do conto “A verdadeira história dos três porquinhos”. As crianças discutiram muito sobre o assunto. Um grupo era a favor de que o lobo era o vilão, outros mudaram de ideia.

Vivenciamos momentos muito bons nas conversas realizadas com a comparação e a análise dos contos trabalhados.







20 de novembro de 2017

Era uma vez...

...as situações realizadas de forma a não estabelecer relação dos objetivos, motivos e necessidades...

Hoje o trabalho de intervenção com as crianças nos fizeram pensar sobre atividades de estudo que nada tem a ver com as atividades realizadas na escola, tais como: leitura, escrita que estamos acostumadas a planejar para as crianças.

Iniciamos as atividades com a roda de conversa, que se constituiu em atividade permanente, junto aos(as) alunos(as). Conversamos sobre as necessidades das crianças em termos de leitura e constatamos que elas se encontram entusiasmadas em realizar propostas voltadas para o ato de ler.

As crianças iniciaram perguntando o que nós (professora e pesquisadora) tínhamos pensado para o trabalho e o que a “tia” da sala tinha realizado em outros momentos. Atividades que eles gostaram muito, ou seja, contação de histórias com o gênero textual conto. Bem, até aí, acredito que a professora tem demonstrado mudanças no fazer das atividades pedagógicas, envolvendo a leitura, pois não fica somente reservado a um momento as “aulas” de leitura.

Quando apresentamos a proposta (APÊNDICE K) para o trabalho com livro “Era uma vez...”, de Cacau Vilardo, as crianças ficaram encantadas com as possibilidades que o livro poderia trazer. Iniciamos apresentando como esse livro havia chegado a nossas mãos. Isso é muito importante, pois as crianças puderam perceber que a leitura tem uma história, um sentido nas mãos de quem a conta.

Era uma vez ... e as crianças puderam iniciar todos os contos que conheciam. E olha que não foram poucos. Ficamos encantadas com as possibilidades que a proposta trouxe para o dia.





23 de novembro de 2017

Por que registrar?

O aprendizado do registro é o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador, pois quando registramos, tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significativo, para mantê-lo vivo. Não somente com lembranças, mas como registro de parte de nossa história, nossa memória. Com estes registros construímos nossa memória pessoal e coletiva. Fazemos história.

(MADALENA FREIRE, 2017)



Fico aqui a questionar-me sobre a relevância da escrita para nós. Por que escrever? Durante a sua história, o homem sempre utilizou os signos como instrumentos comunicativos. E, em havendo a necessidade de comunicar, escrevemos.

Hoje, retomamos a leitura do livro “Era uma vez...” de Cacau Vilardo (APÊNDICE K), considerando que as crianças oralizaram histórias belíssimas no encontro anterior e intencionamos que elas pudessem escrever suas histórias com início “Era uma vez...”. Apresento alguns resultados dessa atividade:

ERA UMA VEZ....

Não era uma vez então havia um menino
dos os dias um menino um mais inte-
ligente do turma que saltava muito m-
uito mesmo um dia não esperava pelo
a prova ele estudava estudava estu-
dam até cansado tanto que dormiu no
dia seguinte ele acordou se a-
correu a correr foi pra escola p-
rrou que não ia conseguir mais
ele conseguiu disse nota A eleto p-
a cara mostrou pro pai disse
que conseguiu e FIM

ERA UMA VEZ...

Era uma vez um menino bem alegre ele per-
 rante pela cidade, os olhos de menino alegre
 tinham para uma princesa, como a vontade
 e que era princesa não era uma princesa
 comum era uma princesa encantada e con-
 como tentava descobrir a natureza da princesa
 e aí pareceu um mago, um colhe o magi-
 co estava colando a colhe na cartela e esci-
 nna bem alegre perguntou, o mago não co-
 nhece a natureza desta princesa, o mago
 respondeu eu não conheço, mas a magia
 está fecho sempre, a natureza desta
 princesa é que os bruxos são magos
 O menino se divertiu mais depois leu
 ou uma letra pequena contando a letra
 na cartela e a letra perguntou não
 pode que dar uma água por favor. O
 menino bem alegre respondeu eu não con-
 heço essa é uma princesa magica está
 eu passo água e o menino bem alegre
 deu a água para a letra. E a letra falou
 muito obrigada!

Proporcionar momentos de aprendizagens aos(as) alunos(as) tem sido uma das maiores alegrias nesse percurso de intervenção. Como tenho ficado alegre com o retorno das crianças. Essa primeira versão de escrita nos leva a acreditar que repertoriando nossas aulas com leituras diversas, seguindo uma lógica de, primeiramente, organizar momentos de leitura silenciosa, passando por momentos de vocalização de textos diversos que garante o movimento de escrita, como algo relevante e necessário a quem escreve.



Que direção

TOMAR ?

30 de novembro de 2017

Caminhos,
que direção tomar?

No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra

Continua



Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei de que no meio do caminho
tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(ANDRADE)

As pedras, mencionadas nesta poesia, podem ser classificadas como obstáculos que as pessoas encontram no percurso de sua caminhada. Essas pedras podem impedir a pessoa de seguir o seu caminho, obrigando-as a permanecerem estáticas às situações diversas.

Hoje concentramos o foco (APÊNDICE L) na perspectiva em oferecer às crianças a possibilidade de revisitarem seus textos, produzidos no encontro anterior, dando o entendimento de que os mesmos não estavam finalizados, prontos na 1ª versão, ou escritos. Por não ser uma prática corriqueira, percebi nas crianças certa indisposição para essa atividade. Foi a primeira pedra encontrada no caminho.





Iniciamos a discussão com as crianças na roda de conversa sobre a escrita que realizaram. Que, quando escrevemos, colocamos nossa primeira ideia no papel, mas que, depois, podemos ampliar, escrever outras linhas, outras ideias. Daí, perguntamos se alguém gostaria de realizar a leitura do texto produzido, no encontro anterior. Tivemos apenas uma criança que se disponibilizou a fazer para o grupo. Perguntamos, então, para o aluno:

- Você acha que seu texto necessita de ampliação? Ou seja, precisa de mais ideias?
- Acho que não, tia.
- Bem, verifique se você colocou todos os elementos que nós estudamos sobre contos.
- Sim.

Então posso transcrever seu texto para o quadro branco e apresentar a escrita para a turma?

- Pode.
- 

Assim, iniciamos a transcrição do texto para o quadro branco da forma como se encontrava na 1ª versão.

ERA UMA VEZ...

Era uma vez, um príncipe que se chamava Roberto. Ele morava em um reino no meio da floresta. O pai do Roberto era um rei, sua esposa que era a rainha morreu de um fitite de uma bruxa que quis se vingar por que ela tinha um castelo. Ela fazia muito mal com as poções e ela pediu para os cavaleiros destruírem o castelo da bruxa.

O pai do príncipe estava doente. A bruxa tinha uma poção para melhorar o pai do príncipe Roberto.

O príncipe Roberto era apaixonado pela uma princesa chamada Violeta. A bruxa ficou sabendo e capturou a princesa. O príncipe aproveitou e se pegou a poção para o pai e resgatou a princesa. Ele pegou o seu cavalo e sua espada e foi na caverna da bruxa. Ele entrou e atacou a bruxa. Foi muito grande a luta e o príncipe ganhou, e pegou a poção para o pai e resgatou a princesa Violeta. O pai ficou bem e eles se casaram e foi felizes sempre.

Texto trabalhado com a revisão coletiva.

À proporção que escrevíamos um parágrafo, íamos discutindo elementos estruturais do conto, bem como a análise da estrutura ortográfica e sintática.

Foi um grande desafio a realização do trabalho, porém muito gratificante perceber a participação da turma nesse processo.





05 de dezembro de 2017

Por que as dúvidas
tiram nosso sono?

Dúvidas me assolam, e me tiram do
sono mal dormido.

Haverá sentido nesse fazer?

- Cadê o Sol? Onde está a peneira?

Estou tapando o Sol com a peneira? Ou pondo
a peneira para ver melhor o Sol?

Haverá sentido nesse fazer? Que Sol é esse
que me ilumina?

E que me cega?

Haverá sentido nesse fazer?

Continua

?

E cadê a peneira? Que me escuda do ofuscamento?

Haverá sentido nesse fazer?

Haverá sentido nesse fazer trabalho de formiguinha?

O que terá sentido?

Escondendo-me estou nesse fazer?

O termômetro são os olhos das crianças, das professoras?

- A participação dos pais?

- O caminhar pelas próprias pernas.

Ou a gralha acadêmica. Oca da vida

Cadáver ambulante de inveja e mesquinhança?

- Haverá sentido nesse fazer?

[...]

(MADALENA FREIRA, 2017)

?



Quais sentidos nesse fazer pedagógico que estamos realizando? Dúvidas, buscas, pesquisas, leituras, planejamento, tudo isso tem, sim, um sentido: pensar em possibilidades de aprendizagem para nossas crianças.

A casa da madrinha de Lygia Bojunga foi nosso momento de audição de histórias de hoje. Perguntamos às crianças se já conheciam a história e, em coro, responderam que não. Que alívio! Alívio, sim. Fico sempre preocupada em levar histórias já conhecidas pela turma, até porque já passamos por esse momento e notamos que os(as) alunos(as) perdem completamente o interesse.

Trabalhamos, ainda, com a revisão, reescrita e escrita dos textos sobre contos (APÊNDICE M), por meio de diversos recursos, dentre eles a leitura, nas intervenções realizadas para essa finalidade. Que trabalho árduo! Ufa!

Ficamos pensando na dificuldade que se constitui em realizar esse trabalho, que é árduo, porém necessário. Nosso termômetro, os olhares das crianças. Fomos ponderando em evitar repetições com revisões confusas e superficiais e sempre na intenção de incentivar a reescrita em todas as produções.

E qual o sentido? O caminhar pelas próprias pernas, por meio de ação e reflexão. Fomos adotando, com os(as) alunos(as), os diferentes movimentos de reestruturação do texto. Desde o acréscimo de elementos gráficos (acentos, sinais, questões ortográficas...), passando pela substituição





ou acréscimo de elementos (palavras e até mesmo frases por completo), até a modificação da ordem no processo de encadeamento das ideias.

Durante todo esse processo, estávamos atentas para que a leitura fosse percebida pelas crianças, como necessária nesse momento de revisão e reescrita, pois o texto precisa fazer sentido para quem o lê.

Bem, não concluímos hoje o trabalho, precisaremos de mais um encontro para a sistematização dessa sequência.

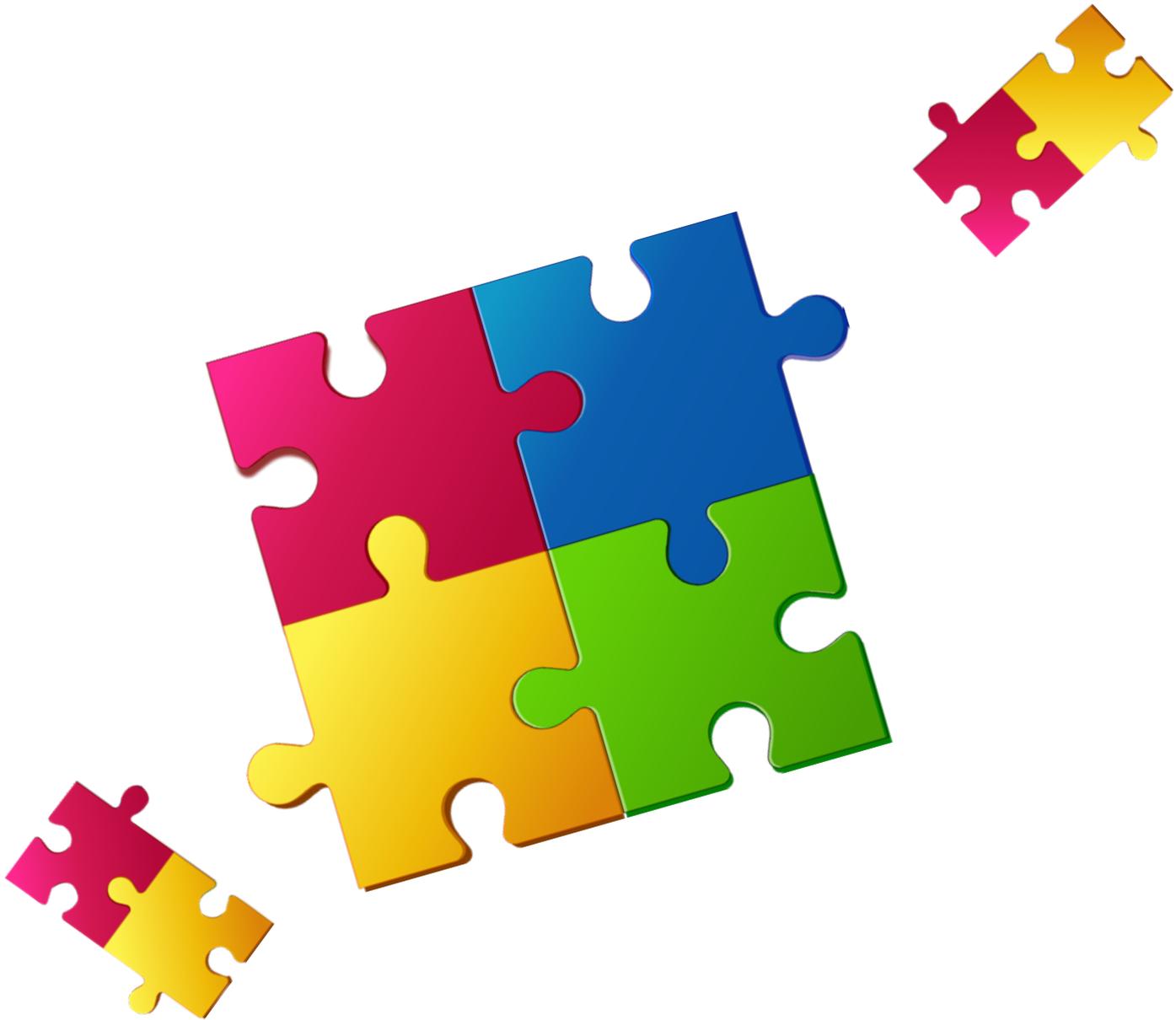


07 de dezembro de 2017

Qual é o sentido de ensinar?

Toda ação educativa traz a marca da intervenção.
Para uma concepção que busca uma relação democrática, o ato de intervir aquece, fundamenta, promove e impulsiona o processo de aprendizagem e a construção do conhecimento.

(MADALENA FREIRE, 2017)





Ah! Madalena Freire me inspira. Nossa, que reflexão maravilhosa. O desafio, a marca da intervenção. Intervir é ter consciência do que planejar e para quem estamos planejando. É ter, como ponto de partida, a orientação de que o planejamento nasce na avaliação.

Avaliando o encontro anterior, podemos perceber que as intervenções que estamos realizando têm proporcionado e impulsionado momentos significativos na aprendizagem das crianças.

Na sequência didática (APÊNDICE M), continuamos com a revisão dos textos produzidos pelas crianças. Nesse movimento, fomos percebendo que a forma como trabalhamos, diariamente, sem esse processo contínuo de ir e vir, não garante de fato aprendizagem às crianças.

Estávamos cientes de que o que de fato impulsiona a aprendizagem dos(as) alunos(as) é a dialogicidade do processo de intervenção nas atividades realizadas. É essencial esse movimento de discursividade, de “permissão”, para que as crianças trabalhem o seu processo de aprendizagem, buscando alternativas a fim de perceberem que é possível realizar leituras, mesmo sem saber ler.







Para que apresentar cartas aos(as)
alunos(as), no mundo do WhatsApp?

Isso que vou ensinar serve pra quê?

Recebi uma carta de um menino: 'Querido Rubem Alves, li o seu livro 'O Patinho Que Não Aprendeu a Voar', aprendi que liberdade é fazer aquilo que a gente deseja muito e eu quero ser livre. Ponto, parágrafo. Tenho uma professora que é demais. **Ela manda a gente ler os seus livros e grafar os encontros consonantais e os dígrafos**'. O que é que o menino vai fazer com encontro consonantal? Pra que é que serve isso? Pra nada. E dígrafo? Pra que é que serve? "Pra nada".

(RUBEM ALVES, 2011, grifos nossos)



Isso que vou ensinar serve para quê? Rubem Alves traz uma grande reflexão para nós, professores(as), sobre ensinar estruturas desvinculadas de contextos dos(as) alunos(as). E fiquei me perguntando para que ensinar cartas aos(às) alunos(as), no mundo do whatsapp?

Bem, o gênero carta surge nesse contexto de pesquisa diante do período natalino. As crianças escrevendo suas cartas para o “Papai Noel”, um destinatário imaginário que motivou as crianças da escola a buscarem esse gênero discursivo, há tempo “substituído” pelo e-mail, whatsapp, mas que mantém seu encanto.

Portanto, em nosso planejamento (APÊNDICE N) fomos buscar o contato das crianças com as cartas, no contexto real. Discutimos por meio da Roda de Conversa sobre: O que é uma carta? Já havia recebido uma carta alguma vez? Como recebeu essa carta? Eis que algumas respostas já eram esperadas:

- “Tia, nunca recebi nenhuma carta”.
- “Antes, eu recebia de minha tia, de São Paulo. Agora, ela liga ou manda whatzap”.





Apresentamos uma carta escrita pela professora/pesquisadora às crianças, priorizando a leitura silenciosa. A intenção era que os(as) alunos(as) buscassem indícios sobre o que iríamos encontrar na leitura, considerando que não dissemos o que havia escrito no texto, somente enfatizamos que se tratava de uma carta.

Nesse momento, o intercâmbio de informações entre as crianças foi fundamental para o confronto de hipóteses e achados na leitura silenciosa. Trabalhamos com aspectos relacionados à sistematização desse intercâmbio, organizando um quadro resumo das descobertas das crianças.







14 de dezembro de 2017

A interativa discursividade no gênero carta, como trabalhar?

A carta pessoal é um gênero das práticas da escrita que, interativa e discursivamente, opera sobre o destinatário, mas também sobre o remetente. Através de seus eventos, instaura-se um espaço discursivo. [...] das relações marcadamente hierárquicas. [...]

(GUIMARAES, 2002)



Pensamos nesse contexto de interações, entre remetente e destinatário e do espaço de discursividade desse gênero trabalhado (APÊNDICE O), com a audição do livro “**O carteiro chegou**” de Allan Ahlberg.

Retomamos a leitura da carta escrita para a apresentação do trabalho com o gênero. Esclarecemos que deveria escrever uma carta a um destinatário (pesquisadora/professora/gestora/coordenadora e aos(às) pais/mães), relatando as experiências com leituras desenvolvidas no segundo semestre.

Apresentamos as condições didáticas para a produção do texto, tais como: Para que escrever? Que tipo de escrita será essa? O que não poderemos deixar faltar nessa escrita? Quem vai lê-la?

Após a 1ª escrita, entregamos a silhueta de uma carta aos(às) alunos(as), que teve como objetivo fazer com que as crianças trouxessem seus textos mais próximos desse gênero.

E, para que a proposta se efetivasse de fato com todos os seus elementos, entregamos um envelope às crianças, orientando-as no preenchimento.



18 de dezembro de 2017

Precisamos ♥ aprender com ♥ olhar...

Não fomos educados a olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos.

Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu, em nós, paralisia, fatalismo, cegueira.

Para romper com esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante.

(MADALENA FREIRE, 2017, grifo meu)

Precisamos aprender com o olhar





O que temos aprendido com o olhar sensível e pensante?

Confesso que, em minha prática pedagógica, meu olhar sempre reproduziu paralisia e cegueira. Paralisia em chegar a fazer as mesmas coisas, sempre acreditando que estava fazendo o melhor. Cegueira por não conseguir perceber nas crianças o que estavam falando, mas o que eu gostaria de ver e ouvir.

Ao planejar, não considerava parte da fala dos(as) meus(minhas) alunos(as), apenas a fala do meu “eu”. Sempre enfatizando o monólogo que nos ensinaram, considerando a criança que nos apresentam nos livros e as suas “características”.

Nesse contexto de pesquisa, necessitei buscar uma postura mais aberta para ver e ouvir as crianças no que falam; quais as sua hipóteses quando trabalham em determinadas atividades. E ajudar essas crianças a buscarem sintonia com sua aprendizagem.

No trabalho que realizamos hoje (APÊNDICE O), continuamos com a leitura e escrita de carta, sempre atentas ao que os(as) alunos(as) estavam fazendo, discutindo, verbalizando, construindo e desconstruindo hipóteses.





Chega uma hora em que Magaly se aproxima e pergunta:

- “Tia Kátia, quero escrever para sua professora”.
- “Nossa! Por quê? Você não a conhece!”.
- “Sim, mas você fala tanto dela que gostaria de conhecê-la”.
- “Veja, não há problema em escrever para a minha professora”.
- “Qual é o nome dela mesmo?” Preciso colocar aqui (apontando para o destinatário).

E começa a verbalizar alto o que está escrevendo.

- “Querida Professora...”

Fiquei pensando sobre que relação Magaly estabeleceu com a minha orientadora para sentir a necessidade de escrever a ela.



Reproduzo na íntegra o texto da aluna na 1ª escrita.

Joelma São Luis 13 de dezembro
 Querida tia Joelma a sua melhor
 Aluna tia Katia da muito leitura
 para ser agente aprende muito
 rapido agente gosta muito da vida
 da sua aluna ela ensina muito
 coisa interessantes na sala eu
 queria poder conhece-la mas não
 da então eu fiz esta carta
 para voce espero que goste desta
 carta eu queria muito conhece-la
 voce a tia Katia me deu esta
 folha eu estou fazendo minhas
 proprias cartas de natal para voce
 se comunicar comigo e a leitura
 da sua aluna faz agente aprender
 mais rapido agente gosta muito da
 tia Katia e da tia Eliane agradeço
 por tudo então tchau.
 Feliz natal
 Marlene

Sobre o olhar! É um ato de aprendizagem constante, de reflexão de sensibilidade para com o outro. É retomar o teórico por meio da observação da realidade do outro.





21 de dezembro de 2017

Por que sistematizar?

Será que vai dar tempo?

Quero tempo!

Tempo para existir

No que desejo e penso.

Quero tempo para falar, escrever.

No meu tempo, ritmo próprio.

De tudo que venho fazendo e buscando.

Continua



Tempo, que te quero tempo!

Para viver o duvidar

O perder-se

O não fazer nada

Para melhor pensar, desejar.

Tempo! Tempo! Que te quero tempo!

Tempo de juntar forças

De viver mudanças

No meu trabalho de formiga e cigarra

Para continuar nascendo todo dia.

- Será que vai dar tempo?

(MADALENA FREIRE, 2017)





Tempo em pesquisa é ouro. Fico pensando como tem passado rápido esse período de intervenção. Tudo bem planejado; já estamos na finalização da nossa conversa, mas não no diálogo sobre práticas de leitura no contexto escolar.

Gostaria de mais tempo para falar, para escrever, para intervir, para viver situações com as crianças que muito contribuíram com minha prática. Tempo, tempo; tempo para continuar com esse aprendizado constante e no chão da escola.

Nas atividades de hoje (Apêndice P), marcadas por uma grande emoção, ao assistirmos ao filme “Cartas para Deus”, pudemos presenciar a demonstração de fé numa criança de oito anos, munida de amor e crença, e que encara uma batalha contra o câncer. O que chama a atenção no filme é que as orações da criança são feitas em forma de cartas, que ela escreve e envia para Deus.

Em nosso contexto, as cartas escritas pelas crianças foram lidas e entregue aos seus(suas) destinatários(as) reais.



São Luís 19 de dezembro

Querida Tia Kátia

Tia Kátia você já leu tantas histórias pra gente, já deu um caderno de leitura, já trouxe pra gente filmes. ai que legal! Eu gostei de muitas coisas, eu acho que eu gostei de tudo mesmo a minina que brincava com as palavras a rei pandamfo, a bela e a fera, a minina que adora os livros, este é um filme bem legal fala sobre uma minina que adora os livros bem mais ra que quando os personagens saem do livro ela tem de os livros

feliz natal,
anthony

Como citei anteriormente a conversa finaliza por aqui, mas o diálogo continua. Continua porque não podemos nos isentar da responsabilidade de buscar alternativas para as dificuldades referentes à leitura, contribuindo, assim, com possibilidades de superação.





REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Por uma nova educação:** pra que serve o encontro consonantal e dígrafo? Filosofia e Literatura, 2011.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1999. . Cultura escrita, literatura e história. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor.** 5ª edição. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GUIMARÃES SILVA, J. Q. Um **Estudo sobre o Gênero Carta Pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 209 f. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2002.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de educação de Campinas. Leituras SME nº4 julho/2001. p. 5.

LEONTIEV Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Trad. Rubens Eduardo Frias. 2. Ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 20 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

MEIRELES, Cecília. **Solombra**. Editora: Global, 2013.

MELO, Suely Amaral. **Algumas implicações pedagógicas na**

escola de Vygotsky para a educação infantil. Proposições. Campinas, v. 10, n.1, p.16-27, mar.1999.

MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética** (ed. de bolso). Ed. Companhia de Bolso, 2011.

MOURA, M. A. **A atividade de ensino como ação formadora.** In: CASTRO, A. ; CARVALHO A. (Orgs.) Ensinar a ensinar: didática para a escola. São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa.** Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 2006.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado.** Editora Record, 2014.

VILARDO. Cacau. **Era uma vez...** Ilustração: Bruna Assis Brasil. São Paulo: Paulinas, 2012.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Trad. Ernane Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.



APÊNDICES

APÊNDICE A - PAUTA DO SEMINÁRIO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

PAUTA DO SEMINÁRIO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”**

DATA: 09.02.17

HORÁRIO: 07 h 30 às 11 h 30.

PÚBLICO: 12 Professores (as) do Ensino Fundamental

TEMÁTICA: Leitura

1. OBJETIVOS:

- Refletir sobre situações de leituras trabalhadas na escola e sua relação com as necessidades dos (as) alunos (as).
- Apresentar a proposta de projeto à equipe pedagógica da escola, enfatizando a necessidade do trabalho com, voltadas para o desenvolvimento de práticas leitoras;
- Discutir a metodologia de trabalho, bem como o produto final da pesquisa.
- Refletir sobre o que é ler;

2. SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

I. LEITURA EM VOZ ALTA: O menino que aprendeu a ver – Ruth Rocha.

II. LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

- ✓ Realizar o levantamento de conhecimentos prévios dos (as) professores (as), através dos seguintes questionamentos, propostos no ANEXO IV:

a) Quem ensinou você a ler?

b) Como se ler?

c) Quem você acha que deve ensinar a criança a ler?

| QUEM ENSINOU VOCÊ A LER? | COMO SE LÊ? | QUEM VOCÊ ACHA QUE DEVE ENSINAR A CRIANÇA A LER? |
|--------------------------|-------------|--|
| | | |

- ✓ Solicitar aos (as) professores (as) que apresentem suas respostas.
- ✓ Sistematizar as discussões com a apresentação em slide de concepções de leitura, a partir de Jolibert p.15.

III. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

MATERIAL NECESSÁRIO:

Dicionário, jornal, revista, livro "O desenvolvimento do psiquismo", livro de romance ou conto.

- ✓ Entregar aos (às) professores (as) os suportes acima para cinco professores (as) e que os (as) mesmos (as) realizem a leitura do material;
- ✓ Pedir a outros (as) cinco professores (as) que observem as mãos de todos (as) que estão realizando a leitura;
- ✓ Solicitar aos (às) professores (as) que troquem de material (suporte) pelo menos três vezes;
- ✓ Perguntar aos (às) professores (as) que estavam observando como se comportaram as pessoas que estavam lendo?
- ✓ Perguntar aos (às) professores (as) que estavam lendo:
 - a) Sua estratégia de leitura foi a mesma em todos os casos?
 - b) Qual delas foi ensinada pela escola? E as outras?
 - c) Você trabalha com seus (suas) alunos (as) com essas diferentes estratégias?
 - d) Eles sabem distinguir entre uma leitura seletiva (procura por uma data num cartaz, uma palavra no dicionário e uma leitura mais integral - poema, conto...)?
 - e) A escola ajuda ou você ajuda seus (suas) alunos (as) a construírem os instrumentos: noções de sumário, índice, ordem alfabética?

IV. SITUAÇÕES DE LEITURA

- ✓ Entregar o ANEXO V – Inventário de situações de leitura de ontem, dos (as) professores (as)
- ✓ Pedir a eles(as) que preencham os espaços solicitados sobre leituras, realizadas no dia anterior;

| O QUE EU LI, ONTEM? | EM QUE SITUAÇÃO? | POR QUÊ? /PARA QUÊ? |
|---------------------|------------------|---------------------|
| | | |

- ✓ Solicitar aos (às) professores (as) que leiam o inventário;

IMPORTANTE:

Questionamentos após a apresentação do inventário:

- a) O que você observou, ontem? Será que não se esqueceu de nada? Nem mesmo as placas de trânsito?
- b) Quais foram os problemas enfrentados para preencher esse quadro?
- c) Qual a relação entre tais situações de leitura e esses textos, e os propostos pela escola ou os que você mesmo (a) propõe aos (às) alunos (as)?

V SILABANDO

MATERIAL NECESSÁRIO:

Página de um texto – ANEXO VI

Folha recortada – 1 quadro correspondendo a uma sílaba de três letras

1 quadro com espaço de uma palavra

1 quadro correspondendo a uma frase.

- ✓ Pedir aos (às) professores (as) que leiam as cinco primeiras linhas do texto somente através da janela-sílaba; depois com a janela-palavra; passe para a janela frase e por último sem nenhuma janela;
- ✓ Perguntar aos (às) professores (as):
 - a) Como vocês se sentiram realizando a leitura com esse procedimento?

Dialogar com o grupo:

Percebam que essas janelas colocaram um limite na extensão do olhar.

V. ORALIZANDO A LEITURA OU LEITURA SILENCIOSA

MATERIAL NECESSÁRIO:

Livro de romance.

- ✓ Solicitar a um (uma) professor (a) que leia um trecho do romance em voz alta;
- ✓ Depois, somente com os olhos, leia a página seguinte.
IMPORTANTE: cronometrar o tempo das duas atividades.
- ✓ Perguntar ao (à) professor (a) que realizou a atividade:
 - a) Como você vivenciou essas duas atividades /situações?
 - b) O que você conclui de sua comparação?

VI. SISTEMATIZAÇÃO

Apresentação, em slides, sobre a necessidade em ler.

VII. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA RETRATOS DA
LEITURA NO BRASIL

VIII. PROJETO DE PESQUISA

- Apresentação da proposta na UEB Justo Jansen: **ATOS DE LEITURA COMO PROCESSOS DIALÓGICOS**: análise de intervenções no 2º Ano do Ciclo de Alfabetização

APÊNDICE B - **PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA**: uma proposta dialógica
de leitura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: uma proposta dialógica de leitura

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Formação Continuada: uma proposta dialógica de leitura faz parte da pesquisa “**ATOS DE LEITURA COMO PROCESSOS DIALÓGICOS**: análise de intervenções no 2º Ano do Ciclo de Alfabetização” e objetiva desenvolver o processo formativo das professoras do 1º Ciclo do Ensino Fundamental da Unidade de Educação Básica “Justo Jansen”, *locus* da pesquisa em questão, diante das dificuldades de leitura dos(as) alunos(as) que estão inseridos nas salas de aula do Ciclo de Alfabetização.

Fundamentamo-nos na concepção dialógica de linguagem de Bakhtin (2011, 2104) e no aporte teórico-metodológico de autores que discutem a temática, voltada para o ensino e aprendizagem da leitura. O eixo central das reflexões concentra-se nas práticas de leitura, a partir do diagnóstico realizado na escola sobre a situação de leitura dos(as) alunos(as).

A Formação Continuada, proposta nesse projeto, trabalha na perspectiva do processo de ação, reflexão e ação (SCHÖN, 2000), em sintonia com o cotidiano escolar e suas necessidades, valorizando os saberes, oriundos da formação profissional, os saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2014), bem como garantir a dialogicidade e criticidade no processo ensino-aprendizagem.

Esta proposta visa contribuir com o trabalho realizado nas turmas de Alfabetização, promovendo o desenvolvimento dos(as) alunos(as), inseridos(as) nesse contexto, em especial nas práticas da professora, sujeito desta pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- ❑ Desenvolver o processo formativo, com foco na leitura, das professoras do 1º Ciclo de Alfabetização da Unidade de Educação Básica “Justo Jansen”, *locus* da pesquisa em questão.

2.2 Específicos

- ❑ Discutir sobre o processo de alfabetização dos(as) alunos(as) nas turmas do 1º Ciclo de Ensino Fundamental;
- ❑ Refletir sobre o ensino da leitura e o importante papel da competência leitora, como garantia da inserção social;
- ❑ Discutir a concepção escolar de leitura e sua eficácia na prática social;
- ❑ Discutir o ato de ler como forma de interrogação de textos;
- ❑ Articular ações de leitura e escrita com um mesmo tipo de texto.

3 A ABORDAGEM TEÓRICA

A abordagem teórica é constituída pela orientação dialógica da linguagem, pautada em Bakhtin (2011, 2014), que, em sua teoria, aponta vários aspectos relevantes para a compreensão do conceito de linguagem e suas possíveis implicações nas práticas leitoras. A partir de seus estudos, adotamos o princípio de linguagem como prática dialógica. E referenciamos autores contemporâneos que estudam a temática leitura, como Foucambert (1994), Jolibert (1994), Kleiman (2008, 2013) Mortatti (1995, 2000), Goulart (2011, 2015) e pelas teorias sobre os gêneros discursivos e as do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Abordamos, também, a importante contribuição de Paulo Freire (1982), ao afirmar que o processo de compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura e simples da palavra ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se amplia na compreensão do mundo do leitor.

A concepção dialógica de Bakhtin (2011, 2014) é a contribuição maior para as mudanças que se desenvolvem, atualmente, nos diversos domínios de estudo da linguagem. A posição desse autor contra os partidários das tendências linguístico-filosóficas coloca em evidência, também, o comportamento dos interlocutores na interação. Na visão dialógica, o/a locutor(a) constrói seu enunciado em função do/da interlocutor(a), que tem um papel ativo constitutivo na formulação

dos enunciados. Visivelmente, é o outro (interlocutor) quem condiciona o que o locutor diz e, desse modo, ambos são colocados no mesmo plano. A contribuição da perspectiva bakhtiniana para o ensino tem avançado e revelado a necessidade do trabalho com a linguagem na escola.

A teoria dialógica da linguagem, que fundamentará a análise das práticas leitoras, postula que linguagem é fenômeno heterogêneo, vivo, variável e flexível, sempre situada num contexto sócio-histórico. A leitura é atividade multifacetada, que se realiza pela interação do autor/leitor/texto ou autor/professor/aluno/texto, no contexto de sala de aula.

Nessa perspectiva, a leitura se apresenta como interação e compreensão responsiva, que a produção de sentido resulta das múltiplas formas de ver e de ser do sujeito leitor(a), no mundo, e não apenas das formas da língua. Tal como afirma Jolibert (1994, p. 15) "ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito"

Consideramos que o processo dialógico é importante, porque a linguagem é tratada como função social; portanto, a leitura será trabalhada a partir dos gêneros textuais. Isso porque o texto é a unidade básica de sentido, somente por meio dele podemos vivenciar plenamente o ato responsivo, ou seja, podemos falar e obter resposta.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Formação Continuada será organizada com um encontro com duas horas, de quinze em quinze dias. A proposta de formação tem como principal foco a atuação das professoras participantes junto aos(às) seus(suas) alunos(as) do Ciclo de Alfabetização, no exercício permanente de reflexão sobre o processo ensino e aprendizagem da leitura. Consideramos, portanto, as professoras, em particular o sujeito da pesquisa (a professora do 2º ano do Ciclo de Alfabetização), como sujeito ativo do seu processo de formação, o que implica considerar suas representações, conhecimentos e experiências.

O tratamento a ser dado aos conteúdos que integram este projeto pressupõe:

□ O trabalho com situações-problema, com foco na leitura, promovendo a reflexão e a ação, possibilitando a mobilização de saberes e a mobilização de novos conhecimentos;

A tematização da prática observada, a partir dos objetivos e conteúdos formativos,

A metodologia de formação utilizada privilegia o estudo pautado na ação, reflexão, ação. Nessa perspectiva, serão promovidas as seguintes estratégias de formação:

- Estudo e orientação para o aprofundamento teórico sobre temas relacionados às práticas de gestão de sala de aula, com foco na leitura;
- Problematização da prática das professoras, à luz de referenciais teóricos, visando ao aprimoramento das práticas formativas a serem desenvolvidas, com reflexo no avanço da aprendizagem dos (as) alunos (as).
- Elaboração de critérios para a socialização e análise das práticas de sala de aula;
- Sistematização das discussões;
- Incentivo ao registro dos encontros.

5 ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

| 1º ENCONTRO FORMATIVO: 15.09.17 | | |
|---|--|----------------------|
| ATIVIDADES | OBJETIVO(S) | SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS |
| <p>ESTUDO: Alfabetizar: por onde começar? Angela Vidal Gonçalves. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). Como alfabetizar? Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.</p> | <p>Discutir sobre o processo de alfabetização dos(as) alunos(as) nas turmas do 1º Ciclo de Ensino Fundamental;</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| <p>Sequências didáticas para o trabalho com a leitura, período de 18 a 29.09.17.</p> | <p>Elaborar sequências didáticas para o trabalho com os(as) alunos(as).</p> | <p>✓ Em anexo</p> |

| 2º ENCONTRO FORMATIVO: 29.09.17 | | |
|---|--|-----------------------------|
| ATIVIDADES | OBJETIVO(S) | SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS |
| <p>ESTUDO: “Mas eu não sei ler!” Refletindo sobre o ensino da leitura. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta lima de (Orgs.). Como alfabetizar? Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.</p> | <p>Refletir sobre o ensino da leitura e o importante papel da competência leitora como garantia do social;</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| <p>PLANEJAMENTO: Sequências didáticas para o trabalho com a leitura, período de 02 a 13.10.17.</p> | <p>Elaborar sequências didáticas para o trabalho com os(as) alunos(as).</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| 3º ENCONTRO FORMATIVO: 13.10.17 | | |
| ATIVIDADES | OBJETIVO(S) | SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS |
| <p>ESTUDO A concepção escolar de leitura. In: KLEIMAN, Angela. Oficina de leitura: teoria e prática. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.</p> | <p>Discutir a concepção escolar de leitura e sua eficácia na prática social.</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| <p>PLANEJAMENTO: Sequências didáticas para o trabalho com a leitura, período de: 16 a 27.10.17.</p> | <p>Elaborar sequências didáticas para o trabalho com os(as) alunos(as).</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| 4º ENCONTRO FORMATIVO: 27.10.17 | | |
| ATIVIDADES | OBJETIVO(S) | SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS |
| <p>ESTUDO Estimular a leitura e a produção de diferentes tipos de textos em situações reais</p> | <p>Discutir o ato de ler como forma de interrogação de</p> | <p>✓ Em anexo</p> |

| | | |
|--|---|-----------------------------|
| <p>de uso. In: JOLLIBERT, Josette... et al. Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Trad. Ana Maria Netto Machado Porto Alegre: Artmed, 2006.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A leitura como interrogação de textos; - Ler e produzir um mesmo tipo de texto; | <p>textos;</p> <p>Articular ações de leitura e escrita com um mesmo tipo de texto.</p> | |
| <p>PLANEJAMENTO:</p> <p>Sequências didáticas para o trabalho com a leitura, período de: 30.10 a 10.11.17.</p> | <p>Elaborar sequências didáticas para o trabalho com os(as) alunos(as).</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| 5º ENCONTRO FORMATIVO: 10.11.17 | | |
| ATIVIDADES | OBJETIVO(S) | SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS |
| <p>ESTUDO</p> <p>Estimular a leitura e a produção de diferentes tipos de textos em situações reais de uso. In: JOLLIBERT, Josette... et al. Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Trad. Ana Maria Netto Machado Porto Alegre: Artmed, 2006.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A leitura como interrogação de textos; - Ler e produzir um mesmo tipo de texto; | <p>Discutir o ato de ler, como forma de interrogação de textos;</p> <p>Articular ações de leitura e escrita com um mesmo tipo de texto.</p> | <p>✓ Em anexo</p> |
| <p>PLANEJAMENTO:</p> <p>Sequências didáticas para o trabalho com a leitura, período de: 13 a 24.11.17.</p> | <p>Elaborar sequências didáticas para o trabalho com os(as) alunos(as).</p> | <p>✓ Em anexo</p> |

6. CRONOGRAMA

| MESES | DIAS | CONTEÚDOS |
|----------|------|--|
| SETEMBRO | 15 | O Processo de Alfabetização dos(as) alunos(as) nas turmas do 1º Ciclo de Ensino Fundamental. |
| | | Planejamento |
| SETEMBRO | 29 | O Ensino da competência leitora como garantia do social. |
| | | Planejamento |
| OUTUBRO | 13 | A concepção escolar de leitura e sua eficácia na prática social. |
| | | Planejamento |
| | 27 | O ato de ler, como forma de interrogação de textos. |
| | | Planejamento |
| NOVEMBRO | 10 | Ações de leitura e escrita com um mesmo tipo de texto. |
| | | Planejamento |

7 AVALIAÇÃO

Espera-se que os conhecimentos didáticos dos(as) professores(a)s sejam ampliados, favorecendo boas intervenções junto aos(às) alunos(as) para a melhoria da prática leitora destes(as). A avaliação será realizada através da observação e registro de intervenções orais, considerando os seguintes aspectos:

- Assiduidade e pontualidade nos encontros formativos;
- Participação nas atividades de Registro dos encontros;
- Contribuição nas discussões para ampliação dos conteúdos tematizados;
- Articulação dos conhecimentos didáticos às situações vivenciadas na escola;
- Interesse e disponibilidade pela socialização de livros, textos e de outras fontes de estudo e/ou ampliação cultural.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BEZERRA, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

BOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar? Na sala com professores dos anos iniciais**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

COLLIER, Josette... et al.. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRANCO, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GRÖNN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

PROJETO FORMAÇÃO CONTINUADA: uma proposta dialógica de leitura
1º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS)
UEB “JUSTO JANSEN” - SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 15.09.17

PROVIDÊNCIAS:

ANEXO I: AGENDA;

ANEXO II: TEXTO LEITURA EM VOZ ALTA;

ANEXO III: SLIDES;

ANEXO IV: Situação-problema

ANEXO V: TEXTO: Alfabetizar – por onde começar. Angela Vidal Gonçalves. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

CONTEÚDO - O Processo de Alfabetização dos(as) alunos(as) nas turmas do 1º Ciclo de Ensino Fundamental.

OBJETIVO: Discutir sobre o processo de alfabetização dos(as) alunos(as) nas turmas do 1º Ciclo do Ensino Fundamental;

SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES

ENCAMINHAMENTOS:

- Realização do levantamento de conhecimentos prévios das professoras, por meio dos questionamentos:
 - a) Para você o que é leitura?
 - b) Quais são as funções da leitura?
 - c) Que gêneros textuais são mais utilizados por você no trabalho com a leitura em sala de aula? Por quê?
 - d) Como você ensina a leitura para seus(suas) alunos(as)?
 - e) Qual material teórico prático você consulta para orientar o trabalho com a leitura?
 - f) Quando vocês iniciam o trabalho com a alfabetização dos(as) alunos(as), por onde começam?
 - g) Como trabalhar a leitura e a escrita de textos se os(as) alunos(as) não sabem ler e escrever?
 - h) Por que não conseguimos alfabetizar todos(as) os(as) alunos(as), atualmente?
- Registro das respostas no quadro branco para posterior retomada;

- Entrega de uma situação-problema (**ANEXO IV**), a fim de que, individualmente, analisem e apontem uma alternativa para a situação apresentada;
- Solicitação ao grupo para que socializem as alternativas encontradas para a situação-problema;
- Discussão sobre as alternativas apresentadas pelas professoras, a partir da cola elaborada pela formadora;
- Entrega do texto: Alfabetizar – por onde começar. Angela Vidal Gonçalves. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015. (**ANEXO V**)
- Orientação para a leitura do texto, com a retomada das respostas das questões iniciais, considerando:
 - a) O que foi ampliado?
 - b) O que foi modificado?
 - c) O que precisa ser revisto?
- Socialização das respostas;
- Sistematização das discussões.

REFERÊNCIA

GONÇALVES, Angela Vidal. Alfabetizar – por onde começar. Angela Vidal Gonçalves. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



PROJETO FORMAÇÃO CONTINUADA: uma proposta dialógica de leitura
2º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS)
UEB “JUSTO JANSEN” - SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 29.09.17

PROVIDÊNCIAS:

ANEXO I: AGENDA;

ANEXO II: TEXTO LEITURA EM VOZ ALTA;

ANEXO III: SLIDES;

ANEXO IV: TEXTO: “Mas eu não sei ler!”: refletindo sobre o ensino de leitura. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

CONTEÚDO – Ensino da competência leitora

OBJETIVO: Refletir sobre o ensino da leitura e o importante papel da competência leitora como garantia do social;

SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES

ENCAMINHAMENTOS:

- Realizar o levantamento de conhecimentos prévios das professoras, por meio dos questionamentos:
 - a) Você já se deparou com a situação de uma criança que sinaliza para você que ela não sabe ler?
 - b) Qual foi a sua reação?
 - c) Qual é a importância do papel da leitura na sociedade?
 - d) Como lemos?
 - e) Quais os conhecimentos que utilizamos para a compreensão leitora?
 - f) Como aprendemos a ler?
- Registrar as respostas no quadro branco para posterior retomada;
- Entrega do texto: “Mas eu não sei ler!”: refletindo sobre o ensino de leitura. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

- Orientação para a leitura do texto, com a retomada das respostas das questões iniciais, considerando:
 - g) O que foi ampliado?
 - h) O que foi modificado?
 - i) O que precisa ser revisto?
- Socialização das respostas;
- Sistematização das discussões.

REFERÊNCIA

DONDA, Beatriz; ANDRADE, Cláudia dos Santos; GARCIA, Inez Helena Muniz; MEDEIROS, Vanêsa Vieira Silva de. “Mas eu não sei ler!” Refletindo sobre o ensino da leitura. In: GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

PROJETO FORMAÇÃO CONTINUADA: uma proposta dialógica de leitura
3º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS)
UEB “JUSTO JANSEN” - SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 13.10.17

PROVIDÊNCIAS:

ANEXO I: AGENDA;

ANEXO II: TEXTO LEITURA EM VOZ ALTA;

ANEXO III: SLIDES;

ANEXO IV: TEXTO: A concepção escolar de leitura. In: KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

CONTEÚDO – A concepção escolar de leitura e sua eficácia na prática social.

OBJETIVO: Discutir a concepção escolar de leitura e sua eficácia na prática social.

SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES

ENCAMINHAMENTOS:

- Realizar o levantamento de conhecimentos prévios das professoras, por meio dos questionamentos:
 - a) Por que o(a) aluno(a) não lê?
 - b) Qual é a sua concepção de texto?
- Registrar as respostas no quadro branco para posterior retomada;
- Entrega do texto: “A concepção escolar de leitura”. In: KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- Orientação para a leitura do texto, com a retomada das respostas das questões iniciais, considerando:
 - a) O que foi ampliado?
 - b) O que foi modificado?
 - c) O que precisa ser revisto?
- Socialização das respostas;
- Sistematização das discussões.

REFERÊNCIA

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. “A concepção escolar de leitura”. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

PROJETO FORMAÇÃO CONTINUADA: uma proposta dialógica de leitura
4 e 5º ENCONTROS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS)
UEB “JUSTO JANSEN” - SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 27.10 e 10.11.17

PROVIDÊNCIAS:

ANEXO I: AGENDA;

ANEXO II: TEXTO LEITURA EM VOZ ALTA;

ANEXO III: SLIDES;

ANEXO IV: Estimular a leitura e a produção de diferentes tipos de textos em situações reais de uso. In: JOLLIBERT, Josette... et al. **Além dos muros da escola:** a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Trad. Ana Maria Netto Machado Porto Alegre: Artmed, 2006.

- A leitura como interrogação de textos;

- Ler e produzir um mesmo tipo de texto;

CONTEÚDO –

- O ato de ler como forma de interrogação de textos.
- Ações de leitura e escrita com um mesmo tipo de texto

OBJETIVOS:

- Discutir o ato de ler como forma de interrogação de textos;
- Articular ações de leitura e escrita com um mesmo tipo de texto.

SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES

ENCAMINHAMENTOS:

Estudar o texto: Estimular a leitura e a produção de diferentes tipos de textos em situações reais de uso. In: JOLLIBERT, Josette... et al. **Além dos muros da escola:** a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Trad. Ana Maria Netto Machado Porto Alegre: Artmed, 2006.

- A leitura como interrogação de textos;

- Ler e produzir um mesmo tipo de texto;

Dividir as professoras em grupos, orientando o planejamento de uma sequência didática, a leitura como interrogação de texto.

Organização:

a) 1º grupo: Tipo de texto para ler: Cartaz;

b) 2º grupo: Tipo de texto para ler: Rótulo;

- c) 3º grupo: Tipo de texto para ler: Panfleto;
- d) 4º grupo: Tipo de texto para ler: Receita;
- e) 5º grupo: Tipo de texto para ler: Convite;
- Socialização das sequências didáticas elaboradas.
- Sistematização das discussões.

APÊNDICE C – Sequência Didática I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



SEQUÊNCIA DIDÁTICA¹ I: 25 e 28.09.17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 25 e 28.09.17**PROPOSTA:** 02 encontros**1. OBJETIVOS:**

- Compreender o plano de trabalho proposto para as atividades de leitura como prática dialógica;
- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa, interagindo e organizando relatos do cotidiano;
- Utilizar o vocabulário pertinente, expondo suas ideias com gradativa clareza e autonomia;
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.
- Ler textos de gêneros textuais diversos, voltados para a prática discursiva.

2. CONTEÚDO:

- Leitura de textos e gêneros diversos.
- Comunicação oral.
- Expressão artística.

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 COMPREENSÃO DO PLANO DE TRABALHO – LEITURA DIALÓGICA**

¹ DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ENCAMINHAMENTOS:

- Apresentar o plano de trabalho às crianças, por meio da leitura dramatizada “Abracadabra” de Simone Goh. Editora do Brasil. PNLD 2013 – 2015.



FIGURA 1: CAPA DO LIVRO “Abracadabra” de Simone Goh. Editora do Brasil. PNLD 2013 – 2015.

O livro é o personagem principal desta história. Brincando com o texto, Simone Goh usa metalinguagem para mostrar aos pequenos a importância do mundo da leitura.

3.2 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO**ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- Convidar as crianças para se sentarem em uma roda e iniciar a conversa sobre:
 - a) O que acham da sala de aula?
 - b) O que gostariam que mudasse?
- Cada criança terá a oportunidade de falar alguma coisa que perceber como necessidade de mudança na sala de aula.

Realizar perguntas para ajudar as crianças a recordarem situações vivenciadas e estimulá-las a falar, como por exemplo:

- c) O que acham das situações de leitura?
- d) Vocês gostam de ler?
- e) Quem realiza a leitura para você?
- f) O que você mais lê?

3.3. EXPOSIÇÃO DE IDEIAS

ENCAMINHAMENTOS

Após a conversa na roda, a professora e a pesquisadora convidam as crianças para pintarem, no papel, o que falaram na roda a respeito da sala de aula:

- a) O que acham da sala de aula?
- b) O que gostariam que mudasse?
- c) Como vocês gostariam que fosse a sala de aula?

IMPORTANTE:

1. Proporcionar espaço físico variado para a criança pintar ou desenhar e encaminhar situações de pintura em diferentes posições: em pé, sentado ou deitado. Neste caso, trabalharemos com folhas de papel chamex, colocadas na parede, à altura das crianças, para que elas possam pintar em pé.

2. A escolha em colocar o papel na posição vertical, ou seja, colado na parede, proporciona à criança movimentos corporais diferentes e uma forma diferente de olhar o que está sendo feito.

3. Durante a atividade, a professora e a pesquisadora deverão atender às diferenças individuais, estimular a criança a escolher o seu espaço e o papel na parede, as cores e o giz de cera.

3.4. LEITURA DE TEXTO: SINOPSE DO FILME A MENINA QUE ODIAVA LIVROS

ENCAMINHAMENTOS

Levantar os conhecimentos prévios das crianças, por meio dos seguintes questionamentos:

- a) Quem gosta de livros?
- b) Das histórias apresentadas nos livros, de qual você mais gosta?
- c) Você tem algum livro de que goste mais? Qual?

- ❑ Registrar as respostas no Diário de bordo;
- ❑ Entregar a sinopse do filme: “A menina que odiava livros” aos(as) alunos(as);
- ❑ Solicitar aos(as) mesmos(as) que realizem a leitura silenciosa do texto; e, após esse momento, que falem sobre do que trata o texto lido e quais as primeiras informações que conseguiram extrair;
- ❑ Deixar as crianças buscarem os indícios, descobrirem o que tem escrito e que esses achados dialogam entre si.

IMPORTANTE:

Ficar observando:

- a) O que conversam, anotando os diálogos e como tentam ler;
- b) Acompanhar cada grupo, sentar com as crianças e perguntar o que descobriram.

- ❑ Promover uma fase de intercâmbio, na qual as crianças possam confrontar hipóteses e achados da leitura silenciosa, solicitando aos(as) alunos(as) que compartilhem com os demais colegas da sala sobre o convite que leu.
- ❑ Exibir o filme: A menina que odiava livros (Duração 7;20);
- ❑ Apresentar o vídeo às crianças com a informação: Este vídeo contém o texto completo do livro escrito pela autora indiana Manjusha Pawagi, que conta a história de Nina, uma menina que detestava ler, mas que, ao entrar em contato com o rico universo da leitura, é despertada para essa prática social.

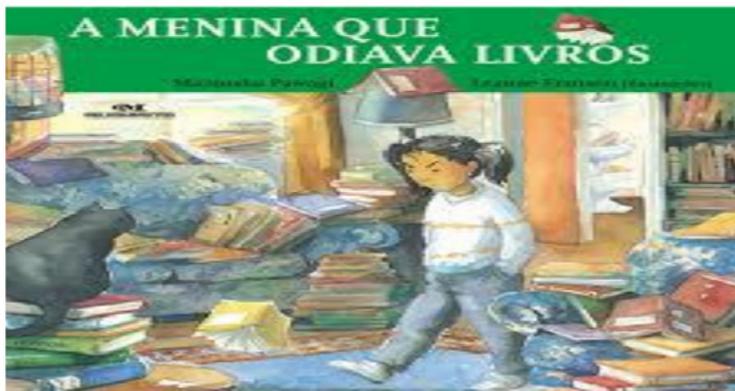


FIGURA 2: CAPA DO LIVRO A MENINA QUE ODIAVA LIVROS

A menina que brincava com as palavras

A menina que brincava com as palavras trata-se de uma deliciosa brincadeira literária de Fabiano dos Santos. É possível destacar, na obra, não apenas sua qualidade literária, mas a importância da literatura, já que o autor apresenta um texto cheio de encantamento pela literatura, incentivando o leitor a deliciar-se com as palavras, a mergulhar neste fantástico mundo.

Esse mundo, apresentado pelo autor no texto, oferece uma conexão entre a imaginação e a realidade. Na verdade, a imaginação está presente todo o tempo na vida “real” da menina do texto, Ana. É por meio da forma como Ana vê a presença da literatura no mundo que o convite, para o leitor entrar ou trazer literatura para sua vida, é feito.

- ❑ Apresentar uma caixa com várias palavras às crianças;
- ❑ Solicitar a elas que retirem palavras da caixa, informando que as palavras retiradas aparecem no contexto da história lida anteriormente, solicitando que realizem a leitura individual.

4 RECURSOS - Papel chamex, giz de cera, fita adesiva, tapetes de TNT, caixa com palavras do texto e objetos da narrativa: A menina que brincava com as palavras.

5 AVALIAÇÃO

Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

- GOH, Simone. **Abacadabra**. Editora Brasil. PNLD, 2013-2015.
- SANTOS, Fabiano. **A menina que brincava com as palavras**. Ilustrador: Daniel Diaz. Editora: Cortez.
- PAWAGI, Manjusha. **A menina que odiava de livro**.

APÊNDICE D – Sequência Didática II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA II: 09.10.17****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA: 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL****COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa****DATA: 09.10.17****PROPOSTA: 01 encontro****1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de conversa.
- Ordenar ideias e expressar uma opinião sobre o assunto em questão.
- Desenvolver a postura de leitor e ouvinte.
- Ler textos de gêneros textuais diversos, voltados para a prática discursiva.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

- Leitura de textos de gêneros diversos.
- Comunicação oral.

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortavelmente e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem

ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS:

- a) O que vocês acharam das atividades desenvolvidas no encontro anterior?
- b) Vocês conversaram com seus pais sobre a proposta de Leitura que iremos desenvolver?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 LEITURA DE TEXTO: A CASA DE VINICIUS DE MORAES

ENCAMINHAMENTOS:

Realizar o levantamento de conhecimentos prévios sobre o texto a ser apresentado, por meio dos seguintes questionamentos:

- a) Vocês conhecem o texto de Vinicius de Moraes – A casa?
- b) Como é o texto? Alguém sabe?

Entregar o texto, xerocopiado, aos(às) alunos(as), colando no caderno, que será um instrumento de compartilhamento do material trabalhado em sala de aula com os(as) pais/mães;

Solicitar às crianças que realizem a leitura silenciosa do texto. E, após esse momento, que falem sobre do que trata o texto lido e quais as primeiras informações que conseguiram extrair;

Deixar as crianças buscarem os indícios, e descobrirem o que tem escrito e os achados que dialogam entre si.

Promover uma fase de intercâmbio, na qual as crianças possam confrontar hipóteses e achados da leitura silenciosa, solicitando aos(às) alunos(as) que compartilhem com os demais colegas da sala sobre o convite que leu.

Exibição do vídeo disponível no <https://www.youtube.com> – A Casa de Vinicius de Moraes;

Retorno ao texto, solicitando às crianças que acompanhem a leitura realizada em voz alta pela professora.

Refletir com as crianças que, nessa canção de uma melodia simples e de uma letra aparentemente inocente, é possível identificar as sutilezas e os ensinamentos que o Poeta nos deixa em relação ao que conhecemos por uma arquitetura de qualidade.

A CASA - VINICIUS DE MORAES

ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA
 NÃO TINHA TETO, NÃO TINHA NADA
 NINGUÉM PODIA ENTRAR NELA, NÃO
 PORQUE NA CASA NÃO TINHA CHÃO
 NINGUÉM PODIA DORMIR NA REDE
 PORQUE NA CASA NÃO TINHA PAREDE
 NINGUÉM PODIA FAZER PIPI
 PORQUE PENICO NÃO TINHA ALI
 MAS ERA FEITA COM MUITO ESMERO
 NA RUA DOS BOBOS NUMERO ZERO

Texto – Colado no Caderno

IMPORTANTE:

O **CADERNO** é um instrumento que se constituirá como elemento articulador entre a escola e a família. Nele, os(as) pais/mães e/ou responsáveis terão a possibilidade de ouvir a leitura das crianças que já realizam e conseguem fazê-la convencionalmente. E, para as que ainda não leem convencionalmente, deverão realizar a leitura.

A estratégia consiste em trabalhar com a Leitura compartilhada: uma parceria entre a família e a escola, a qual proporciona aos(às) alunos(as) esse estreitamento entre leitura, escola e família.

O objetivo geral dessa atividade é desenvolver atitudes favoráveis à leitura, além de propiciar a interação da família com a escola no processo de ensino e de aprendizagem.

3.2 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: Pandolfo Bereba – Eva Furnari

ENCAMINHAMENTOS:

- ❑ Apresentar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo após, convidar as crianças a ouvirem a história.
- ❑ Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?
- ❑ Realizar a contação de história - Pandolfo Bereba – Eva Furnari

PANDOLFO BEREBA

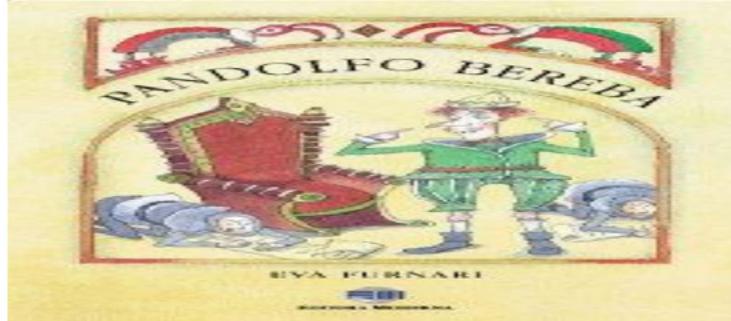


FIGURA 4 – Capa do Livro - Pandolfo Bereba – Eva Furnari

PANDOLFO BEREBA

"Pandolfo Bereba" é o nome de um príncipe que vivia falando mal dos outros. Ele não aceitava as diferenças de opinião e criticava a aparência física de todos. Até que um fato mudou sua vida, fazendo-o conhecer a importância do amor, da amizade e das diferenças entre as pessoas.

4 RECURSOS

Cópia do texto: A casa de Vinicius de Moraes;

Livro Literário

5 AVALIAÇÃO

Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

FURNARI, Eva. **Pandolfo Bereba**. Ilustração da autora. São Paulo: Moderna, 2000.

MORAES, Vinicius de. 1913-1980. **Livro de letras / Vinicius de Moraes**; texto de José Castello – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

APÊNDICE E – Sequência Didática III

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



SEQUÊNCIA DIDÁTICA III: 16.10.17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**DATA:** 16.10.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Participar em situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa;
- Reconhecer a função social do convite, a partir de modelos diversos;
- Ler convites diversos, levantando indícios ou pistas sobre o que está escrito.
- Conhecer a estrutura e as características comuns de um convite;
- Elaborar um convite aos(às) pais/mães e/ou responsáveis para participar de uma reunião sobre as atividades de leitura;

2. CONTEÚDO:

- Gênero Textual: Convite
 - Função social
 - Características e estrutura
 - Leitura
 - Produção escrita
 - Revisão da escrita.

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;

- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

IMPORTANTE:

A roda de conversa pode ultrapassar essas perguntas. A professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

3.2 - LEITURA E ESCRITA DE TEXTO: GÊNERO CONVITE

ENCAMINHAMENTOS:

LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS:

- a) Você já recebeu algum convite?
- b) De quem?
- c) Para comparecer a qual evento?
- d) Você já enviou um convite para alguém?
- e) Para quem foi o convite?
- f) Por que você enviou esse convite?

→ **A LEITURA DO TEXTO**

- Apresentar modelos de outros convites sobre os quais as crianças não tiveram acesso em casa;
- Organizar as crianças em duplas, trios ou quartetos, dependendo da quantidade de convites. (Dizer a elas que trouxe alguns textos ou materiais de leitura para que elas descubram o que está escrito).

- ❑ Pedir aos(às) alunos(as) que realizem a leitura silenciosa do convite. Após esse momento, que falem sobre do que trata o texto lido e quais as primeiras informações que conseguiram extrair;
- ❑ Deixar as crianças buscarem os indícios, descobrirem o que tem escrito, para que dialoguem, entre si, sobre os achados.
- ❑ Promover uma fase de intercâmbio, na qual as crianças possam confrontar hipóteses e achados da leitura silenciosa, solicitando aos(às) alunos(as) que compartilhem com os demais colegas da sala sobre o convite que leu.
- ❑ Sistematizar as ideias no quadro, tentando fazer com que as crianças digam o que tem de igual nos convites que receberam e o que há de diferente.
- ❑ Propor aos(às) alunos(as) que discutam sobre a estrutura do gênero textual apresentado: Para que é esse texto? A quem se destina?
- ❑ Continuar procurando indícios sobre o texto com questionamentos para os(as) alunos(as), tais como: indiquem (apontem) palavras já conhecidas ou desconhecidas.

→ **A ESCRITA DO TEXTO**

- ❑ Propor aos(às) alunos(as) que iniciem a escrita, primeiramente individual e depois coletiva, do convite, com o objetivo de convidar os(as) pais/mães e/ou responsáveis para uma reunião;
- ❑ Definir com as crianças os principais elementos a serem apresentados no texto.

→ **A REVISÃO DA ESCRITA DO TEXTO**

- ❑ Retornar as propostas de convites, apresentadas anteriormente, e promover momentos de análise com os(as) alunos(as) para a revisão.

4. RECURSOS

“Modelos” de convites

5. AVALIAÇÃO

Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

APÊNDICE F – Sequência Didática IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA IV: 19.10.17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**DATA:** 19.10.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Ler convites diversos, levantando indícios ou pistas sobre o que está escrito.
- Conhecer a estrutura e as características comuns a um convite;
- Produzir, revisar e reescrever convites aos(às) pais/mães e/ou responsáveis para participar de uma reunião sobre as atividades de leitura;
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

- Gênero Textual: Convite
- Leitura
- Produção, revisão e reescrita de convites.

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

IMPORTANTE:

A roda de conversa pode ultrapassar essas perguntas. A professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

3.2 PRODUÇÃO, REVISÃO, REESCRITA DE CONVITES.**ENCAMINHAMENTOS:**

- Pedir às crianças que se organizem em grupos, com a finalidade de redigir um convite aos(às) pais/mães e/ou responsáveis, cujo objetivo é a presença dos(as) mesmos(as) na reunião de pais/mães e/ ou responsáveis;
- Apresentar aos(as) alunos(as), algumas condições didáticas de produção de texto:
 - a) Para que escrever o texto?
 - b) Que tipo de escrita será essa?
 - c) Quem vai lê-la?
- Entregar uma silhueta de convites, além dos “modelos” apresentados anteriormente.

**3.3 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA – OBAX – ANDRÉ NEVES.****ENCAMINHAMENTOS:**

- Apresentar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador, com algumas informações sobre os mesmos. Logo após, convidar as crianças a ouvirem a história.
- Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?
- Realizar a contação de história - Obax – André Neve

SINOPSE: OBAX

OBAX (Brinque-Book, 2010), texto e ilustrações de André Neves, foi um dos cinco livros brasileiros selecionados para constar no catálogo “White Ravens” (2011) da biblioteca infanto juvenil de Munique.

André Neves explica que a história é um texto de ficção, ambientado na África; não é um conto. Para escrever este livro, o autor fez pesquisas sobre o oeste africano, os costumes, as manifestações artísticas, vestimentas, as artes dos grupos étnicos espalhados pela Nigéria, Costa do Marfim, Senegal, Mauritânia e Mali. Sua atenção se voltou para as mulheres das tribos, surgindo daí a história de uma menina africana.



FIGURA 5 – CAPA DO LIVRO - OBAX. André Neves. Editora: Brinque-Book, 2009.

RECURSOS

Livro literário

AVALIAÇÃO

Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIA

NEVES, André. **OBAX**. Editora: Brinque-Book, 2009.

APÊNDICE G – Sequência Didática V

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA V: 23.10.17****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**DATA:** 23.10.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Reconhecer a função social do conto, a partir de leituras diversas.
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais dos contos.
- Identificar a finalidade desse gênero textual.
- Conhecer as práticas sociais de produção e circulação dos contos.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

- Gênero Textual: Contos
 - Função social
 - Características e estrutura
 - Leitura

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para

alimentar temas debatidos anteriormente.

- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?
- d) Vocês gostaram do convite que foi encaminhado aos(às) pais/mães e/ou responsáveis?

3.2 LEITURA E ESCRITA DE TEXTO: GÊNERO CONTO

ENCAMINHAMENTOS:

Realizar o levantamento de conhecimentos prévios sobre o texto a ser apresentado, por meio dos seguintes questionamentos:

- a) Vocês conhecem algum conto de fada? E de aventura?
- Dividir a turma em quatro grupos. Para cada grupo, entregar um dos textos a seguir:
 - a) O gato de botas
 - b) O patinho feio
 - c) As aventuras de Gulliver
- Solicitar para que os(as) alunos(as) leiam o texto silenciosamente e que depois o discutam com os colegas do grupo.
- Deixar as crianças buscarem os indícios, descobrirem o que tem escrito, para que dialoguem, entre si, sobre os achados.

IMPORTANTE:

Ficar observando:

- c) O que conversam, anotando os diálogos e como tentam ler;
- d) Acompanhar cada grupo, sentar com as crianças e perguntar o que descobriram.
- Promover uma fase de intercâmbio, na qual as crianças possam confrontar hipóteses e achados da leitura silenciosa;

❑ Pedir que, cada grupo, conte a história que leu para o restante da sala. Eles não deverão ler, mas relatar a narrativa para a turma.

3.3 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - A Caligrafia de Dona Sofia. André Neves

❑ Para o momento inicial, apresentar na roda objetos presentes na narrativa. Em seguida, mostrar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo após, convidar as crianças a ouvirem a história.

❑ Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?

❑ Realizar a leitura em voz alta para as crianças.

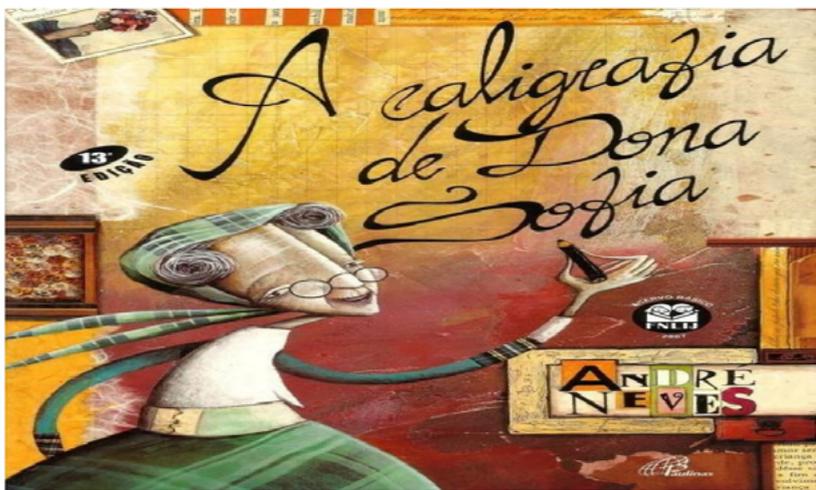


FIGURA 6 – CAPA DO LIVRO - A Caligrafia de Dona Sofia. André Neves

"A caligrafia de Dona Sofia" é um livro lindo, com uma história fascinante, ricamente ilustrado, cujo tema é justamente o florescer do amor à poesia.

Na história de Andre Neves, Dona Sofia é uma professora aposentada que mora no alto de uma colina. Ela é tão apaixonada por poesia que esse amor transborda e a leva a escrever poesias pelas paredes, cortinas, portas, chão... Todos os cantos de sua casa e de sua vida são cobertos de poesia.

E, insatisfeita por ter sua vida tão cheia, seu amor transborda mais ainda e ela começa a escrever cartas para as pessoas da cidade com poesias dos mais variados autores do mundo.

Nessa tarefa dona Sofia conta com a ajuda de seu amigo, o carteiro Seu Ananias, que até gosta de ler, mas tem uma caligrafia sofrível.

O GATO DAS BOTAS



ERA UMA VEZ um velho moleiro que tinha três filhos. Antes de morrer, reuniu os seus filhos e diante deles dividiu os seus bens pelos três.

Ao filho mais velho, o moleiro deu-lhe o moinho. Ao filho do meio deixou-lhe o burro. E ao mais novo entregou-lhe um gato.

O filho mais novo, com o gato no seu colo, comentou desiludido:

- Que vou eu fazer com um simples gato?

Qual não foi a sua surpresa quando ouviu o gato responder-lhe:

- Se me deres umas botas pretas, um fato e um saco, farei de ti um homem rico!

Assim fez o rapaz, e o gato, todo aperaltado, partiu deixando o seu novo dono muito baralhado.

O gato das botas dirigiu-se ao bosque e caçou duas perdizes, que meteu dentro do saco. Dirigiu-se depois ao castelo do rei e ofereceu-as ao rei, em nome do seu amo, o marquês de Carabás.

Dia após dia, o gato continuou a oferecer presentes ao rei, em nome do marquês, o que fez com que o rei ficasse curioso em saber quem era o marquês de Carabás.

Numa bela tarde, enquanto o rapaz e o seu gato descansavam à beira rio, a carruagem do rei aproxima-se. O gato, rapidamente acorda o seu amo e diz-lhe para se despirmos e atirmos ao rio. O rapaz, meio confuso, faz o que o gato lhe diz. Então o gato das botas corre em direção à carruagem, com ar aflito, e grita:

- Socorro majestade! Roubaram as roupas do meu amo, o marquês de Carabás!

O rei, reconhecendo o nome do marquês, para prontamente e empresta ao jovem nobres roupas, oferecendo-lhe boleia até à sua casa. O jovem entra na

carruagem, meio embaraçado e aflito, pois não sabia o que dizer, sentando-se entre o rei e a sua bela filha, que o acompanhava.

O gato prontamente indica o caminho ao cocheiro do rei e, depois de a carruagem arrancar, corre desenfreado até às terras junto ao castelo do ogre.

Quando lá chegou, viu os camponeses, a quem disse:

- Se querem livrar-se do Ogre malvado, quando o rei passar, digam que todas estas terras pertencem ao marquês de Carabás.

E continuou a correr, em direção ao castelo. Quando chegou, encontrou o ogre, que era o dono de todas aquelas terras, sentado a descansar. O ogre ao vê-lo, perguntou:

- Quem és tu? E que fazes no meu castelo?

Ao que o gato respondeu:

- Eu sou o gato das botas, um humilde servo vosso... ouvi dizer que possuíis poderes mágicos. É verdade? Será que vós conseguiríeis transformar-vos num leão?

Ao ouvir isto, o ogre transforma-se imediatamente num enorme leão!

O gato, cheio de medo, responde:

- Que maravilha... mas será que conseguiríeis transformar-vos num minúsculo ratinho?

E o ogre, orgulhoso e imprudente, transforma-se logo num pequeno ratinho. O gato das botas, sem perder tempo, salta em direção ao ratinho e come-o.

Nessa altura, chega o coche do rei às portas do castelo, e o gato das botas dirige-se a eles para recebê-los:

- Bem-vindo ao castelo do meu amo, o marquês de Carabás!

O rei, impressionado com a simplicidade do jovem rapaz, que se encontrava ao pé da porta, admirado, convida o agora marquês de Carabás a casar com a sua linda filha. O rapaz aceita e vive feliz para sempre acompanhado da sua bonita princesa e do seu fiel gato.

O PATINHO FEIO

ERA UMA VEZ uma mamãe pata que teve 5 ovos. Ela esperava ansiosamente pelo dia em que os seus ovos quebrassem e deles nascessem os seus queridos filhos!

Quando esse dia chegou, os ovos da mamãe pata começaram a abrir, um a um, e ela, alegremente, começou a saudar os seus novos patinhos. Mas o último ovo demorou mais a partir, e a mamãe começou a ficar nervosa...

Finalmente, a casca quebrou e, para surpresa da mamãe pata, de lá saiu um patinho muito diferente de todos os seus outros filhos.

- Este patinho feio não pode ser meu! Exclama a mamãe pata.
- Alguém te pregou uma partida. Afirmo a vizinha galinha.

Os dias passaram e, à medida que os outros patinhos cresciam, o patinho feio tornava-se cada vez mais diferente deles.

Cansado de ser gozado por seus irmãos e por todos os animais da quinta, o patinho feio decide partir.

Mesmo longe da quinta, o patinho não conseguiu paz, pois os seus irmãos perseguiam-no por todo o lago, gritando:

- És o pato mais feio que nós alguma vez vimos!

E, para onde quer que fosse, todos os animais que encontrava faziam troça dele.

- Que hei de eu fazer? Para onde hei de ir? O patinho sentia-se muito triste e abandonado.

Com a chegada do inverno, o patinho cansado e cheio de fome encontra uma casa e pensa:

- Talvez aqui encontre alguém que goste de mim! E assim foi. O patinho passou o inverno aconchegadinho, numa casa quentinha e na companhia de quem gostava dele. Tudo teria corrido bem se não tivesse chegado a primavera e, com ela, um gato malvado, que enganando os donos da casa, correu com o patinho para fora dali!

- Mais uma vez estou sozinho e infeliz... Suspirou o patinho feio.

O patinho seguiu o seu caminho e, ao chegar a um grande lago, refugiou-se junto a uns juncos, e ali ficou durante vários dias.

Um dia, muito cedo, o patinho feio foi acordado por vozes de crianças.

- Olha! Um recém-chegado! Gritou uma das crianças. Todas as outras crianças davam gritos de alegria.

- E é tão bonito! Dizia outra.

Bonito?... De quem estarão a falar? Pensou o patinho feio.

De repente, o patinho feio viu que todos olhavam para ele e, ao ver o seu reflexo na água, viu um grande e elegante cisne.

- Oh!... Exclama o patinho admirado. Crianças e outros cisnes admiravam a sua beleza e cumprimentavam-no alegremente.

Afinal ele não era um patinho feio, mas um belo e jovem cisne!

A partir desse dia, não houve mais tristezas, e o patinho feio, que agora era um belo cisne, viveu feliz para sempre!

AS AVENTURAS DE GULLIVER

Era uma vez um jovem chamado Gulliver que decidiu viajar pelo mundo. Então, durante uma tempestade, seu barco afundou e ele conseguiu nadar até uma praia.

Quando acordou, estava sendo espetado por pequenos dardos atirados por homenzinhos. Gulliver, então, foi levado prisioneiro até o imperador dos pequenos soldados.

- Aqui em Liliput, temos um terrível inimigo que vive na ilha vizinha, e precisamos de sua ajuda. Em troca, daremos comida e abrigo.

Gulliver decidiu ajudar. Afinal, os homenzinhos eram até muito simpáticos.

À noite, Gulliver atravessou o estreito e destruiu os barcos inimigos.

Quando voltou, os Liliputianos, agradecidos, ajudaram-no a voltar para a Inglaterra.

Em Londres, Gulliver arranhou outro navio e voltou para o mar. A viagem demorou tanto que faltou água. Ao encontrar terra, mandou alguns marinheiros à procura de água doce.

Gulliver também saiu à procura de água, mas foi surpreendido por um gigante que queria apanhá-lo.

Os marinheiros fugiram apavorados e o gigante conseguiu apanhá-lo. Ao olhar bem para Gulliver, o gigante teve a ideia de ganhar dinheiro mostrando-o em seu reino. Gulliver trabalharia como ator para divertir as pessoas que pagariam para vê-lo.

Na capital do reino dos gigantes, a rainha resolveu comprar Gulliver por cem moedas de ouro. Afeiçãoada a Gulliver, a rainha ordenou que construíssem uma casa do tamanho dele para que ficasse bem acomodado.

Mas, uma noite, duas enormes vespas o atacaram. Depois de lutar ferozmente com sua espada, conseguiu sair vitorioso. Ao chegar, a rainha viu o final do combate sem poder fazer nada para ajudar Gulliver.

Então, a rainha deixou Gulliver voltar para a sua casa. Em Londres, Gulliver viveu feliz, escrevendo sobre suas viagens fantásticas.

4. RECURSOS

Livros literários.

Cópia dos textos a serem trabalhados.

5. AVALIAÇÃO

Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIA

NEVES, André. **A Caligrafia de Dona Sofia**. Editora: Paulinas Editora, 2011.

APÊNDICE H – Sequência Didática VI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA VI: 06.11.17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**DATA:** 06.11.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente as histórias apresentadas.
- Reconhecer as características dos contos.
- Produzir desfechos para os contos estudados.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Contos

- Função social
- Leitura
- Características e estrutura
- Produção de textos escritos
- Oralidade
- Análise linguística

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a

responder à professora;

- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.

- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?
- d) Vocês gostaram do convite que foi encaminhado aos(às) pais/mães e/ou responsáveis?

3.2 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO – O contato com os contos de fada.

ENCAMINHAMENTOS:

- Expor aos(às) alunos(as) o trabalho que será desenvolvido, esclarecendo que eles(elas) irão trabalhar com o gênero conto de fadas, e que realizarão um trabalho com esse gênero, por meio de etapas, ou seja, módulos;
- Perguntar aos(às) alunos(as):
 - a) Vocês sabem o que é um conto de fadas?
 - b) Conhecem algum(s)?
 - c) Normalmente, do que trata os contos de fadas?
- Proporcionar aos(às) alunos(a) a possibilidade de expressão oral com intuito de relembrar os contos de fadas que conhecem, possibilitando a prática dialógica com as crianças;
- Registrar, no quadro, os títulos dos contos citados pelos(as) alunos(as). E, em seguida, fazer a seguinte abordagem:
 - a) Quem lembra a história de pelo menos um desses contos citados?
 - b) E os personagens, quem são?
 - c) Como termina a história?
- Anotar no quadro, como no descrito abaixo, as colocações dos(as) alunos(as), para verificar os conhecimentos prévios acerca do gênero;

| Contos de fada citados pelos(as) alunos(as) | Pontos principais da história. | Personagens | Como termina a história. |
|---|--------------------------------|-------------|--------------------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

- Observar se há participação de todos(as); se todos(as) já tiveram contato com o gênero; as dificuldades e facilidades dos(as) alunos(as) para expressar oralmente suas ideias ou conhecimentos;
- Acomodar os(as) alunos(as) em roda e disponibilizar diversos livros de contos no centro;
- Solicitar aos(às) alunos(as) que leiam os textos dos livros disponibilizados, silenciosamente, de forma individual ou em dupla. e que, depois, dialoguem com os colegas do grupo.
- Deixar as crianças buscarem os indícios, descobrirem o que tem escrito, para que dialoguem, entre si, sobre os achados.

IMPORTANTE:

Ficar observando:

- e) O que conversam, anotando os diálogos e como tentam ler;
- f) Acompanhar cada grupo, sentar com as crianças e perguntar o que descobriram.

- Promover uma fase de intercâmbio, na qual as crianças possam confrontar hipóteses e achados da leitura silenciosa;
- Pedir que cada grupo conte a história que leu para o restante da sala. Eles(elas) não deverão vocalizar/oralizar o texto, mas relatar a narrativa para a turma.

5. RECURSOS

- Livros literários;

6. AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GAGLIARDI, Eliana. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: Conto de fadas. Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. – São Paulo: FTD, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

APÊNDICE I – Sequência Didática VII

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA VII: 09 e 13.11.17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 09 e 13.11.17**PROPOSTA:** 02 encontros**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente as histórias apresentadas.
- Reconhecer as características dos contos.
- Produzir desfechos para os contos estudados.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Contos

- Função social
- Leitura
- Características e estrutura
- Produção de textos escritos
- Oralidade
- Análise linguística

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;

- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 ANALISANDO A ESTRUTURA DE UM CONTO

ENCAMINHAMENTOS:

- Expor o conto de fadas a Bela e a Fera. Devido ao encontro anterior, as crianças iniciaram uma discussão sobre o enredo do conto. Somente duas crianças haviam lido ou ouvido esse conto e, devido ao impasse, resolvemos trabalhá-lo;
- Solicitar que os(as) alunos(as) exponham seus conhecimentos sobre este conto de fadas, suscitando neles seus conhecimentos e impressões primeiras e cotidianas do conto, por meio das questões:
 - a) Como é, resumidamente, a história deste conto de fadas?
 - b) O que acham deste conto?
 - c) Vocês gostam deste conto?
- Fazer a discussão sobre o conto e realizar uma análise comparativa, contemplando os itens do quadro abaixo:

| ELEMENTOS DO TEXTO | A BELA E A FERA |
|---------------------------|------------------------|
| PERSONAGENS | |
| AMBIENTE | |
| DESFECHO | |

IMPORTANTE:

Com essa atividade, os alunos perceberão que é possível escrever histórias através de duas ou mais versões.

Realizar a exibição do Filme: A Bela e a Fera – animação de aventura e conto de fadas que traduz a necessidade de contemplarmos a beleza interior de cada um.

3.3 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - Era uma vez... Cacau Vilardo. Editora Paulinas.

Para o momento inicial apresentar na roda objetos presentes na narrativa. Em seguida, mostrar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo, após convidar as crianças a ouvirem a história.

Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?

Realizar a leitura em voz alta para as crianças

Apresentar o livro Era uma vez... Cacau Vilardo. Editora Paulinas.

Realizar a vocalização da história para as crianças, mantendo nelas a necessidade de saber o que esperam;

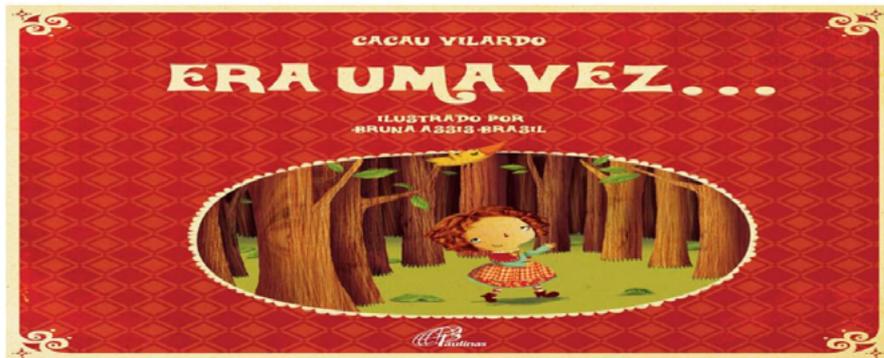


FIGURA 7 – CAPA DO LIVRO – Era uma vez... Cacau Vilardo. Ilustração: Bruna Assis Brasil. São Paulo: Paulinas, 2012.

O livro não apresenta nenhuma história, apenas o início: era uma vez e cada criança tem a oportunidade de contar sua história, ou seja, cria o seu próprio conto.

4. RECURSOS

Livros literários;

DVD – a Bela e Fera – Clássico da Disney.

5. AVALIAÇÃO

□ Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

VILARDO, CACAU. **Era uma vez...** Ilustração: Bruna Assis Brasil. São Paulo: Paulinas, 2012.

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GAGLIARDI, Eliana. **Trabalhando com os gêneros do discurso:** Conto de fadas. Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. – São Paulo: FTD, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras.** Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

APÊNDICE J – Sequência Didática VIII

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA VIII: 16.11.17**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**DATA:** 16.11.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente as histórias apresentadas.
- Reconhecer as características dos contos.
- Produzir desfechos para os contos estudados.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

- Gênero Textual: Contos
 - Função social
 - Leitura
 - Características e estrutura
 - Produção de textos escritos
 - Oralidade
 - Análise linguística

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:

3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 -ANALISANDO A ESTRUTURA LINGUÍSTICA DO CONTO

ENCAMINHAMENTOS

- Realizar alguns apontamentos acerca do gênero “Contos de Fadas” (histórico, escritores, outros tipos de contos etc.).
- Orientar os(as) alunos(as) quanto ao aspecto estrutural do gênero, elementos da narrativa:
 - a) O quê? Com quem? Quando? Onde? Como?
- Trabalhar com aspectos linguísticos do gênero apresentado;
 - a) Manipulação de palavras conhecidas aproveitando-se dos diversos tipos de microestruturas:
 - escrever a sílaba que falta no início, metade ou no fim de palavras conhecidas;
 - em duas listas de palavras, cortadas em dois, ligar duas partes de uma mesma palavra;
 - classificar, juntar as palavras conhecidas que começam com a mesma letra; duas letras iguais; três letras iguais etc.

3.3 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - A Verdadeira História dos Três Porquinhos, de Jon Scieszka.

- Para o momento inicial apresentar na roda objetos presentes na narrativa. Em seguida, mostrar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo, após convidar as crianças a ouvirem a história.
- Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?
- Realizar a leitura em voz alta para as crianças
- Apresentar o livro A Verdadeira História dos Três Porquinhos, de Jon Scieszka.
- Realizar a vocalização da história para as crianças, mantendo nelas a necessidade de saber o que esperam;



Figura 8 – CAPA DO LIVRO – A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS

4. RECURSOS

- Livros literários

5. AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GAGLIARDI, Eliana. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: Conto de fadas. Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. – São Paulo: FTD, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SCIESZKA, Jon. **A Verdadeira História dos Três Porquinhos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

APÊNDICE K – Sequência Didática IX

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA IX: 20 e 23. 11.17**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 20 e 23.11.17**PROPOSTA:** 02 encontros**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente as histórias apresentadas.
- Reconhecer as características dos contos.
- Produzir desfechos para os contos estudados.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Contos

- Função social
- Leitura
- Características e estrutura
- Produção de textos escritos
- Oralidade
- Análise linguística

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a

responder à professora;

- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.

- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 PRODUÇÃO, REVISÃO, REESCRITA DE CONTOS

ENCAMINHAMENTOS:

- Pedir às crianças que se organizem em grupos com a finalidade de redigir um conto;
- Apresentar aos(às) alunos(as), algumas condições didáticas de produção de texto:
 - a) Para quê escrever o texto?
 - b) Que tipo de escrita será essa?
 - c) Quem vai lê-la?
- Retomar a vocalização do livro Era uma vez... Cacau Vilar do para o início da escrita de um conto.
- Orientar as crianças para que, em grupo: duplas, trios ou quartetos, escrevam uma história com as características de conto de fada.

4. RECURSOS

- Livros literários.

5. AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GAGLIARDI, Eliana. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: Conto de fadas. Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. – São Paulo: FTD, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VILARDO, Cacau. **Era uma vez...** Ilustração Bruna Assis Brasil. São Paulo: Paulinas, 2012.

APÊNDICE L – Sequência Didática IX



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



SEQUÊNCIA DIDÁTICA X: 30.11.17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”

TURMA: 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

PERÍODO: 30.11.17

PROPOSTA: 01 encontro

1. OBJETIVOS:

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente as histórias apresentadas.
- Produzir, revisar e reescrever contos.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Contos

- Função social
- Leitura
- Características e estrutura
- Produção de textos escritos

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:

a. PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder a professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.

- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- d) O que discutimos no encontro anterior?
- e) O que iremos fazer hoje?
- f) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 PRODUÇÃO, REVISÃO, REESCRITA DE CONTOS - Continuação.**ENCAMINHAMENTOS:**

- Solicitar às crianças que troquem seus contos com os(as) colegas;
- Organizar os(as) alunos(as) em grupos, com a orientação de que os(as) mesmos(as) deverão realizar a leitura dos textos dos(as) colegas;
- Após a leitura silenciosa, cada integrante da equipe deverá comentar o que observou na leitura: se falta ou se precisa retirar algo;
- Pedir aos grupos que selecionem um texto para fazer a revisão coletiva;
- Transcrever para o quadro branco o texto indicado pelos(as) alunos(as), realizando o processo de revisão para somente depois trabalhar na reescrita.

4. RECURSOS

- Quadro branco, pincel.

5. AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GAGLIARDI, Eliana. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: Conto de fadas. Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. – São Paulo: FTD, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

APÊNDICE M – Sequência Didática XI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA XI: 05 e 07.12.17**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 05 e 07.12.17**PROPOSTA:** 02 encontros**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente as histórias apresentadas.
- Produzir, revisar e reescrever contos.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Contos

- Função social
- Leitura
- Características e estrutura
- Produção de textos escritos

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para

alimentar temas debatidos anteriormente.

- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 PRODUÇÃO, REVISÃO, REESCRITA DE CONTOS - Continuação.

ENCAMINHAMENTOS:

- Solicitar às crianças que troquem seus contos com os(as) colegas;
- Organizar os(as) alunos(as) em grupos, com a orientação de que os(as) mesmas deverão realizar a leitura dos textos dos(as) colegas;
- Após a leitura silenciosa, cada integrante da equipe deverá comentar o que observou na leitura, se falta algo, se precisa retirar;
- Pedir aos grupos que selecionem um texto para fazer a revisão coletiva;
- Transcrever para o quadro branco o texto indicado pelos(as) alunos(as), realizando o processo de revisão para somente depois trabalhar na reescrita.

3.3 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - A Casa da Madrinha, de Lygia Bojunga Nunes.

- Para o momento inicial apresentar na roda objetos presentes na narrativa. Em seguida, mostrar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo, após convidar as crianças a ouvirem a história.
- Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?
- Realizar a leitura em voz alta para as crianças
- Apresentar o livro A Casa da Madrinha, de Lygia Bojunga Nunes, obra que faz crítica ao sistema educacional tradicional.
- Realizar a vocalização da história para as crianças, mantendo nelas a necessidade de saber o que esperam;

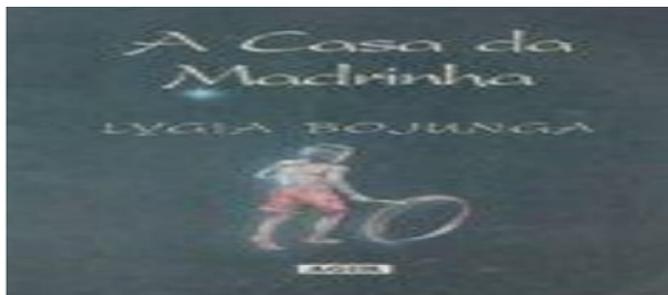


FIGURA 9 - A Casa da Madrinha - Lygia Bojunga Nunes
A CASA DA MADRNHA

Em “A Casa da Madrinha”, conta-se a história do menino pobre, Alexandre, que mora na favela e precisa trabalhar para ajudar sua família. Sua única válvula de escape da sua realidade cruel é a escola, onde conhece uma professora que possui uma maleta com várias surpresas, e por quem Alexandre tem enorme admiração. Devido ao método nada tradicional de lecionar da professora, ela é mandada embora. A partir disso, é que a autora apresenta sua primeira crítica ao sistema educacional.

Seu irmão, Augusto, pede a Alexandre que comece a ajudar mais em casa, já que ele (Augusto) irá se casar em breve, o que levou Alexandre a abandonar os estudos. Certa noite, Augusto começa a contar para Alexandre uma história sobre a casa da Madrinha, um lugar que fica bem no interior do Brasil, com vista para o mar. A casa fica no alto de um morro, repleto de flores. Ela é toda branca, com quatro janelas, uma porta azul com uma flor ao centro. Nesta flor, fica a chave da casa, que apenas a Madrinha, Augusto e, agora, Alexandre sabem, sendo este um segredo que ele precisava guardar.

4 RECURSOS

- Livro Literário

5 AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

NUNES, Lygia Bojunga. **A casa da madrinha**. Editora: CLB, 2002.

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GAGLIARDI, Eliana. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: Conto de fadas. Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. – São Paulo: FTD, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

APÊNDICE N – Sequência Didática XII

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA XII: 11.12.17**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 11.12.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se, por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente uma carta produzida pela professora e pesquisadora.
- Reconhecer as características da carta pessoal.
- Produzir cartas pessoais.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Carta Pessoal

- Função social

- Leitura

- Características e estrutura - remetente, destinatário, variação de linguagem, local, data, saudação, lugar de circulação;

- Produção de textos escritos (escrita, reescrita, revisão).

 Oralidade Análise linguística**3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:****3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL**

ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - O menino misterioso. Álvaro Ottoni Menezes.

MENEZES, Álvaro Ottoni de. **O menino misterioso**. Ilustração: Vitor Bellicanta. 1ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

- Para o momento inicial, apresentar, na roda, objetos presentes na narrativa. Em seguida, mostrar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo após, convidar as crianças a ouvirem a história.
- Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?
- Realizar a vocalização do texto para as crianças.

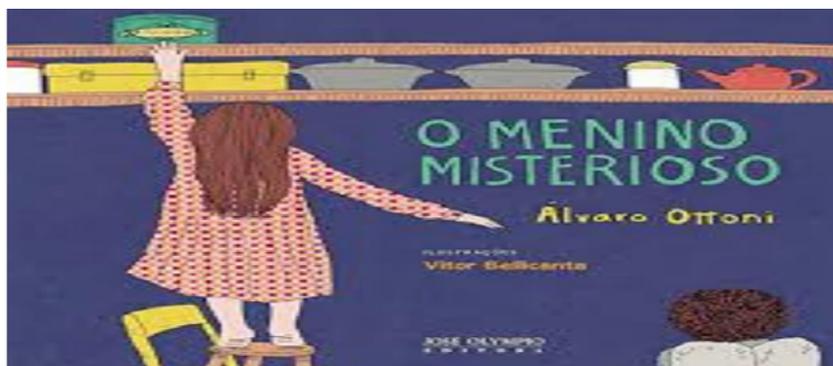


FIGURA 10- Capa do Livro – O menino misterioso – Álvaro Ottoni Menezes.

3.3 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - O contato com cartas no contexto real: noções de contexto; elementos decisivos da situação de comunicação; tipo de texto.

ENCAMINHAMENTOS:

- Expor aos(às) alunos(as) o trabalho que será desenvolvido, esclarecendo que eles(elas) irão trabalhar com o gênero carta, e que realizarão um trabalho com esse gênero, por meio de etapas, ou seja, módulos;
 - Promover uma discussão sobre o gênero carta, a partir das atividades, realizadas pela escola, de escrita de cartas ao “Papai Noel”;
 - Questões discutidas anteriormente e retomadas no encontro:
 - a) O que é uma carta?
 - b) Quem já recebeu alguma vez uma carta?
 - c) Alguém já escreveu alguma carta antes para um destinatário real?
 - d) O que acham da ideia de escrever uma carta, contando suas experiências com as leituras realizadas?
 - Observar se há participação de todos(as); se todos(as) já tiveram contato com o gênero; as dificuldades e facilidades dos(as) alunos(as) para expressar oralmente suas ideias ou conhecimentos;
- **LEITURA INDIVIDUAL E SILENCIOSA**
- Entregar uma carta escrita pela professora/pesquisadora pedindo às crianças que realizem a leitura da mesma, silenciosamente de forma individual ou em dupla e que depois, dialoguem com os colegas do grupo;
 - Deixar as crianças buscarem os indícios, descobrirem o que tem escrito, para que dialoguem, entre si, sobre os achados.

→ **CONFRONTAÇÃO COM OS COLEGAS**

Promover uma fase de intercâmbio, na qual as crianças possam confrontar hipóteses e achados da leitura silenciosa, por meio dos questionamentos:

- a) Que tipo de texto é esse?
- b) Quem está enviando ou escreveu?
- c) Para quem foi enviada ou escrita?
- d) Qual o conteúdo do texto?
- e) O que mais vocês observaram?

Pedir que cada grupo relate o que descobriu. Eles(elas) não deverão vocalizar/oralizar o texto, mas relatar suas descobertas.

→ **SISTEMATIZAÇÃO METACOGNITIVA E METALINGUÍSTICA**

Solicitar as crianças que retomem o texto e marquem/sublinhem elementos como emissor, destinatário, conteúdo;

Organizar no quadro branco, de forma coletiva, um quadro resumo sobre as descobertas das crianças.

Este texto é:

Quem escreveu foi?

Quem recebeu foi?

O conteúdo do texto é?

Pedir às crianças que extraiam indícios de compreensão da superestrutura do texto, a partir da silhueta da carta, por meio da consigna:

a) Identifiquem e marquem: o autor (e a assinatura), o destinatário, a data e a sequência dos parágrafos.

4. RECURSOS

Livros literários.

5. AVALIAÇÃO

Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

MENEZES, Álvaro Ottoni de. **O menino misterioso**. Ilustração: Vitor Bellicanta. 1ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

APÊNDICE O – Sequência Didática XIII

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA XIII: 14 e 18.12.17**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 14 e 18.12.17**PROPOSTA:** 02 encontros**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se, por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente uma carta produzida pela professora e pesquisadora.
- Reconhecer as características da carta pessoal.
- Produzir cartas pessoais.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Carta Pessoal

- Função social

- Leitura

- Características e estrutura - remetente, destinatário, variação de linguagem, local, data, saudação, lugar de circulação;

- Produção de textos escritos (escrita, reescrita, revisão).

 Oralidade Análise linguística

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:

3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.2 AUDIÇÃO DE HISTÓRIAS, INFORMAÇÕES DE GÊNEROS DIVERSOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - O carteiro chegou.

AHLBERG, Allan. **O carteiro chegou**. Ilustrador: Janet Ahlberg. Tradução Eduardo Brandão. Companhia das letrinhas.

- Para o momento inicial apresentar, na roda, objetos presentes na narrativa. Em seguida, mostrar a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo após, convidar as crianças a ouvirem a história.
- Perguntar às crianças o que elas acreditam que encontrarão na leitura?
- Realizar a leitura em voz alta para as crianças.



Figura 11 – capa do livro O carteiro chegou

3.3 ANALISANDO A ESTRUTURA DE UMA CARTA PESSOAL

ENCAMINHAMENTOS:

- Realizar a vocalização da carta escrita pela professora /pesquisadora para que os(as) alunos(as) identifiquem a sua estrutura (destinatário, remetente, assunto...)
- Perguntar as crianças sobre a carta lida:
 - a) De que nos fala?
 - b) Quando foi escrita?
 - c) Quem irá receber?

3.4 PRODUÇÃO, REVISÃO, REESCRITA DE TEXTOS ESCRITOS.

- Pedir às crianças que se organizem em grupos com a finalidade de redigir uma carta para a: pesquisadora, professora, gestora, coordenadora, contando suas experiências com a leitura, desenvolvida no segundo semestre;
- Orientar as crianças que as cartas serão escritas para destinatários reais (pesquisadora, professora, gestora, coordenadora) e que as mesmas irão responder suas cartas como forma de devolutiva;
- Apresentar aos(às) alunos(as), algumas condições didáticas de produção de texto:
 - e) Para que escrever o texto?
 - f) Que tipo de escrita será essa?
 - g) Quem vai lê-la?
- Entregar uma silhueta de carta aos(às) alunos(as), como forma de recapitulação dos elementos discutidos no encontro anterior;

SILHUETA DE UMA CARTA²

² Extraído:

JOLIBERT, Josette. **Além dos muros da escola**: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- Após a escrita, solicitar aos(às) alunos(as) a revisão, no grupo, ou em duplas;
- Realizar a análise coletiva de uma das produções, no quadro branco;

IMPORTANTE: As quatro cartas, elaboradas pelas equipes, serão trabalhadas no mesmo processo de revisão de texto.

- Pedir aos(às) alunos(as) que reescrevam seus textos, após a revisão da 1ª versão apoiados(as) na carta escrita pela professora/pesquisadora e/ou em outros “modelos” apresentados;
- Após a reescrita, solicitar aos(às) alunos(as) que realizem a revisão textual do mesmo;

3.5 SISTEMATIZANDO AS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CARTA PESSOAL

- Assistir ao filme: “Cartas para Deus”, observando as características, estudadas no gênero, carta pessoal.
- Promover uma roda de conversa sobre elementos, apresentados no filme que tem relação com o gênero estudado.

3.6 TRABALHANDO COM PREENCHIMENTO DE ENVELOPE

- Entregar envelopes aos(às) alunos(as), orientando o preenchimento.

IMPORTANTE:

Solicitar junto à Secretaria da escola, com antecedência, o endereço das crianças para preenchimento dos envelopes.

3.7 AVALIANDO A CARTA ESCRITA

- Entregar às crianças um roteiro para a avaliação da carta escrita, solicitando que comparem com o seu texto.

ROTEIRO DE AVALIAÇÃO DA CARTA³

| COLOQUEI | SIM | NÃO |
|-----------|-----|-----|
| CABEÇALHO | | |
| DATA | | |

³ Extraído:

| | | |
|--|--|--|
| NOME DO EMISSOR | | |
| ENDEREÇO | | |
| NOME DO DESTINATÁRIO | | |
| CORPO DA CARTA | | |
| SENHOR | | |
| PARÁGRAFOS | | |
| MAIÚSCULA AO COMEÇAR CADA PARÁGRAFO | | |
| PONTO AO TERMINAR CADA PARÁGRAFO | | |
| AGRADECIMENTO | | |
| DESPEDIDA | | |
| DESPEDI-ME COM CORTESIA | | |
| ASSINEI MEU NOME | | |
| ESCREVI EM LINHA RETA | | |
| DEIXEI A MARGEM DA ESQUERDA E DA DIREITA | | |
| DEIXEI ESPAÇO EM BRACO ENTRE OS PARÁGRAFOS | | |

4. RECURSOS

- Silhueta de carta
- Roteiro para a avaliação da carta escrita
- 25 envelopes
- Filme: "Cartas para Deus".
- Livro AHLBERG, Allan. **O carteiro chegou**. Ilustrador: Janet Ahlberg. Tradução Eduardo Brandão. Companhia das letrinhas.

5. AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

AHLBERG, Allan. **O carteiro chegou**. Ilustrador: Janet Ahlberg. Tradução Eduardo Brandão. Companhia das letrinhas.

JOLIBERT, Josette. **Além dos muros da escola**: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

APÊNDICE P – Sequência Didática XIV

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA XIV: 21.12.17****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****UNIDADE DE EDUCAÇÃO BÁSICA “JUSTO JANSEN”****TURMA:** 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**COMPONENTE CURRICULAR:** Língua Portuguesa**PERÍODO:** 21.12.17**PROPOSTA:** 01 encontro**1. OBJETIVOS:**

- Participar de situações de comunicação oral, por meio da Roda de Conversa.
- Expressar-se, por meio da linguagem oral e escrita.
- Ler silenciosamente uma carta, produzida pela professora e pesquisadora.
- Reconhecer as características da carta pessoal.
- Produzir cartas pessoais.
- Ouvir histórias, informações de gêneros diversos, expressando a opinião sobre a história ou o assunto em questão.

2. CONTEÚDO:

Gênero Textual: Carta Pessoal

- Função social

- Leitura

- Características e estrutura - remetente, destinatário, variação de linguagem, local, data, saudação, lugar de circulação;

- Produção de textos escritos (escrita, reescrita, revisão).

- Oralidade
- Análise linguística

3. ATIVIDADES SEQUENCIADAS:**3.1 PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL****ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA**

- Organizar um espaço adequado, em que todos se sintam confortáveis e possam se ver;
- Levar assuntos que incentivem o grupo a contar seus relatos, e não apenas a responder à professora;
- Dispor de novos dados e fontes de informação - como jornal e revistas - para alimentar temas debatidos anteriormente.
- Na roda de conversa, a professora e a pesquisadora deverão estar sempre atentas às crianças mais tímidas, que necessitam ser encorajadas a falar e a serem ouvidas, garantindo-lhes a liberdade de expressão.

ENCAMINHAMENTOS:

- a) O que discutimos no encontro anterior?
- b) O que iremos fazer hoje?
- c) Quais as leituras realizadas no encontro anterior? De qual você mais gostou?

3.3 SOCIALIZANDO AS CARTAS

- Organizar um momento de socialização das cartas, escritas pelas crianças, ao coletivo da escola, alunos(as) do Ciclo de Alfabetização.

IMPORANTE:

DEFINIÇÃO DO ESPAÇO: Pátio interno;

Horário: 09h 50;

Turmas Participantes: Ciclo de Alfabetização; Gestora; Coordenadora e Professoras.

4. RECURSOS

- Cartas pessoais;

5. AVALIAÇÃO

- Os objetivos desta sequência didática serão avaliados por meio do envolvimento, participação e empenho nas aulas e nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

JOLIBERT, Josette. **Além dos muros da escola**: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Diagramação

Claudia Nayanne Gaspar Sousa

Gisele Reis Corrêa Saraiva

Revisão

Maria Ribamar Silva

Kátia Cilene Amorim Gomes é mestranda em Gestão de Ensino da Educação Básica pela Universidade Federal do Maranhão (2016).

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, (1996). Atua na Educação Básica na função de Especialista em Educação da Secretaria Municipal de Educação de São Luís. É professora, na Unidade de Educação Básica Rosário Nina e, ainda atua como Especialista em Educação na Secretaria de Educação Estadual, na Unidade Escolar Maria Firmina dos Reis.